

Carlos Drummond de Andrade

Machado de Assis

Luís Fernando Veríssimo

Paulo Mendes Campos

Sebastião Nunes

Jean Angelo

Hubem Braga

Rachel de Queiroz

Fernando Sabino

Antônio Maria

Clarice Lispector

João Ubaldo Ribeiro

Luís Henriques Pellanda

João Paulo Cuenca

Otto Lara Resende

Antônio Prata

Antônio Candido

# SUPLEMENTO

## A MAIORIDADE DA CRÔNICA

Número especial organizado por  
Humberto Werneck

Há 120 anos, municípios mineiros recebem o Minas Gerais, jornal que garante à sociedade o acesso democrático aos atos do Governo.

### HORÁRIO PARA RECEBIMENTO DE MATÉRIAS ONLINE (SISTEMA DIÁRIO)

- Diário da Justiça e Publicações de Terceiros: até as 16h
- Editais e Avisos: até as 17h
- Matérias de Expediente: até as 18h

◆ Recebimento de matérias no balcão da IOMG: 10h às 15h30.

### ASSINATURA DO DIÁRIO OFICIAL

Assinatura do Minas Gerais: (31) 3237-3478  
ou e-mail para:  
assinaturamg@iof.mg.gov.br

### CÓPIA DE PUBLICAÇÕES

Balcão da IOMG: até as 17h.  
Interior de MG: (31) 3237-3477 ou e-mail para:  
copiainterior@iof.mg.gov.br

### PUBLICAÇÕES DE TERCEIROS

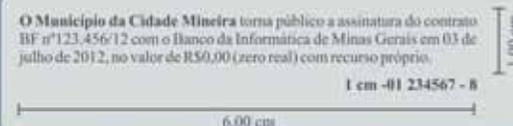
A Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais é o órgão público responsável pelas publicações oficiais (atos, editais de licitação, convocações, atas de assembleias, balanços financeiros, editais de loteamento, editais de concursos etc.) por meio do Diário Oficial Minas Gerais.

**Quem pode publicar?** O espaço para publicação no Diário Oficial Minas Gerais é aberto a todos os órgãos públicos municipais, estaduais e federais, assim como a todas as pessoas físicas e jurídicas.

**Como publicar?** Os interessados em publicar matérias no Minas Gerais deverão se cadastrar e acessar o portal [www.iof.mg.gov.br](http://www.iof.mg.gov.br) ou [diarioweb.iof.mg.gov.br](http://diarioweb.iof.mg.gov.br). As publicações são feitas por meio do "DIARIOWEB", sistema que proporciona maior facilidade, rapidez e segurança no fluxo e tramitação da publicação.

**Quanto custa publicar?** Publicações nos cadernos de "Publicações de Terceiros" e "Diário da Justiça": R\$ 88,59 e o tamanho mínimo de 6x1 cm. A formatação final segue o padrão da Autarquia.

Para outras informações, consulte a Resolução Conjunta 003/2010 (disponível no site: [www.iof.mg.gov.br](http://www.iof.mg.gov.br)).



**Informações: (31) 3237-3560**

**[www.iof.mg.gov.br](http://www.iof.mg.gov.br)**

Av. Augusto de Lima, 270 - Centro - Belo Horizonte -  
MG / CEP 30.190-001

**Endereço para correspondências e protocolos:**

Rua Rio de Janeiro, 1.063 - Centro - Belo Horizonte -  
MG / CEP 30.160-041



Carlos Drummond de Andrade

Machado de Assis

Luis Fernando Verissimo

Paulo Mendes Campos

Sebastião Nunes

Ivan Angelo

Rubem Braga

Bachel de Queiroz

Fernando Sabino

Antônio Maria

Clarice Lispector

João Ubaldo Ribeiro

Luis Henrique Pellanda

João Paulo Cuenca

Otto Lara Resende

Antonio Prata

HUMBERTO WERNECK  
Antonio Candido

**S**erá a crônica um gênero tipicamente brasileiro, como tantas vezes se lê e se ouve dizer? A rigor, não – sabemos que ela descende do *feuilleton*, o folhetim francês, que, pela pena do poeta e jornalista carioca Francisco Otaviano, começamos a imitar em meados do século XIX. Não é menos certo, porém, que nenhum outro gênero literário se aclimatou no Brasil com a naturalidade da crônica – ao ponto de não haver exagero em dizer-se que ela é um pouco como o futebol, que também não inventamos, mas que só aqui veio a ganhar um molejo, uma “cintura” que jamais teve em seu país de origem, a Inglaterra.

Cultivada por José de Alencar, Machado de Assis e João do Rio, entre outros pioneiros, a crônica aos pouco adquiriu cara e jeito inconfundivelmente brasileiros. E se tornou, para o leitor brasileiro, quase um gênero de primeira necessidade – ainda que muitos a vejam como um gênero “menor”. De fato, concursos literários prestigiosos, como o Prêmio Jabuti e o Portugal Telecom, põem a crônica no mesmo balaio do conto, como se fossem coisas comparáveis. Apenas uma vez se viu um cronista ser contemplado como tal numa disputa graúda, aberta também a outros gêneros: em 2010, quando o vultoso Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura foi atribuído ao gaúcho Luis Fernando Verissimo.

Não custa lembrar, aliás, a esplêndida tradição da crônica em Minas, sedimentada, entre muitos outros, por talentos como Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Ivan Angelo. Dessa elite faz parte também um capixaba, Rubem Braga, que, numa avaliação bem próxima da unanimidade, é considerado o maior cronista brasileiro do século XX. Como se sabe, foi em Minas que ele despontou para o gênero, ao estreiar, aos 19 anos de idade, como cronista do *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte, em 14 de março de 1932.

Mais uma razão, portanto, para que se dedique à crônica toda uma edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais*. E nada mais natural, igualmente, que isso aconteça no âmbito da Imprensa Oficial do Estado, cujos 120 anos de criação se comemoram em 2012, e a cujos quadros pertenceu um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, o itabirano Carlos Drummond de Andrade. Redator do *Minas Gerais* entre o final da década de 1920 e os primeiros anos da década seguinte, foi nas páginas do órgão oficial dos poderes públicos do Estado que Drummond se inaugurou como cronista, experiência que haveria de evocar numa crônica, “A doce música mecânica”, selecionada para esta edição. Também não poderia faltar aqui um artigo célebre do mineiro adotivo Antonio Candido, “A vida ao rés do chão”, provavelmente o melhor estudo que já se escreveu sobre o gênero.

Uma entre tantas possíveis num país de cronistas, a seleção aqui reunida vai de um pioneiro como Machado de Assis a cronistas que se afirmam neste começo de século XXI, como Antonio Prata, Luís Henrique Pellanda e João Paulo Cuenca, passando por mestres como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Antônio Maria e Ivan Angelo.

Garantia, como se vê, de boa leitura.

# A doce música mecânica

**W**em da sala de linotipos a doce música mecânica”. Assim um antigo auxiliar de redação do *Minas Gerais* registrou, em verso não muito eufônico, a sensação de embalo que lhe despertava o trabalho junto às oficinas do jornal. A sala da redação ficava próximo, e ao abrir-se a porta do corredor vinha a lufada de música, ao mesmo tempo rápido e envolvente. Comandavamos (força de expressão) Moacir Andrade. Era o menos formalista dos secretários, e dirigia o serviço entre piadas. O mais austero jornal de Minas, quiçá do Brasil, tinha redação alegre, descontraída. E tudo saía direitinho, governamentalmente grave, como devia esperar-se do “órgão oficial dos poderes do Estado”.

Tempo, 1929, 1930. Diretor da Imprensa Oficial e do Minas Gerais, Abílio Machado, que se não era santo pouco faltava para isto; santo irônico, displicente, compreensivo das fraquezas humanas, e a todas trazendo remédio. Vice-diretor, José Maria Alkmin, ágil de corpo e de espírito, sagaz, enxergando além do visível. (Guardo um bilhete seu, de 4 de outubro de 1930: “A fuzilaria aqui na Imprensa é uma coisa realmente séria. Minhas notícias teriam o cheiro de pólvora se entre a pena e a Marinoni não se postasse, implacável, a chamada conveniência”. Referia-se ao combate entre a Força Pública do Estado e o XII Regimento de Infantaria do Exército, de que chegavam os ecos, e balas perdidas, à Imprensa Oficial.)

Trabalhar com Abílio, Alkmin e Moacir não era difícil, embora complexa a matéria de nosso trabalho. Tratava-se de fazer do impessoal *Minas Gerais* um órgão de luta política, sem que ninguém percebesse claramente que o que estávamos fazendo. Conciliar a gelada circunspeção oficial com os interesses da campanha da Aliança Liberal, desencadeada por Antônio Carlos, o sutil, aristocrático e inesquecível Presidente de Minas. Fui chamado a ajudar nessa tarefa. Meses a fio, passei noites intermináveis cozinhando o noticiário de comícios, telegramas, discursos, plataformas, comunicados e ilusões, que prometiam instaurar no país uma vez subjugada a tirania do Presidente Washington Luís e dos régulos estaduais seus aliados, a mais perfeita democracia do mundo. Cozinhando-o, e aplicando-lhe “narizes de cera”, então indispensáveis, que o cético Abílio e o astuto Alkmin pitanguizavam no figurino das conveniências do Palácio da Liberdade.

Num dia trágico, o do conflito de Montes Claros, não sei por que falta de sorte minha, diretor e vice-diretor estavam ausentes, em viagem. Coube-me preparar por minha conta e risco o espinhoso relato de acontecimentos ainda obscuros, que poderiam determinar a intervenção federal no Estado. O Presidente, em conferências sucessivas com políticos e autoridades, ou em arrastadas comunicações pela radiotelegrafia, só a altas horas pode receber-me em Palácio, para ditar-me a linha asséptica do noticiário. Que noite! O jornal parado, o drama longe, ameaças no ar, tudo desabando nas costas de um auxiliar de redação.

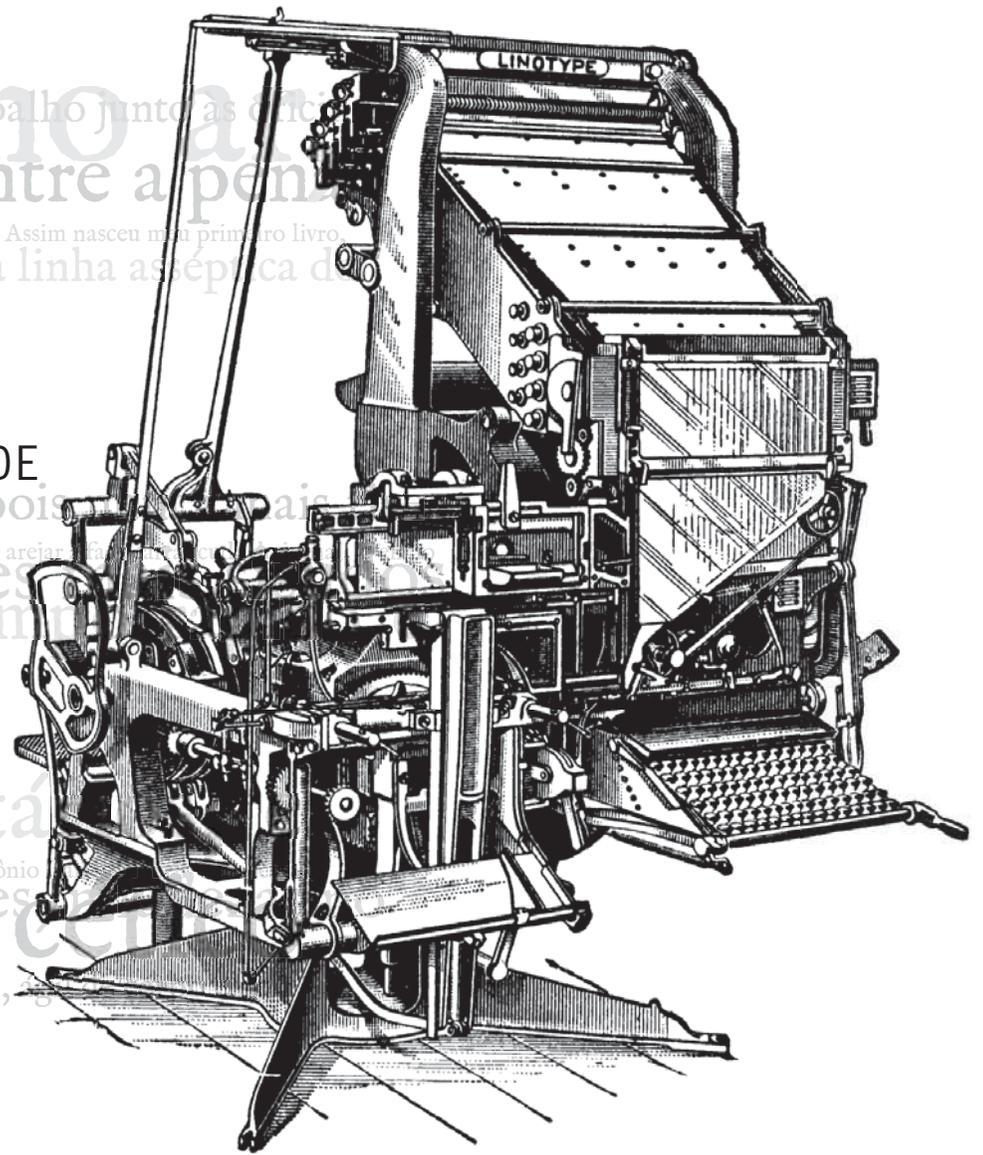
longe, ameaças no ar  
 teriam cheiro de pólvora se entre a pen  
 altas horas pode receber-me em Palácio, para ditar-me a linha asséptica d

ica

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

político-oficial de emergência. Logo esquecida, pois  
 fútil, sob pseudônimos variados, em que talvez me divertisse mais do que aos leitores. Pegou o costume de arejar a fa  
 scandalizar os altos poderes e leitores  
 a lufada de música, ao mesmo tem

formalista dos secretá  
 indispensáveis, que o c  
 Vice-diretor, José Maria Alkmin,



Afinal, o insigne Andrada atendeu-me e, com a habitual *finesse*, ministrou-me uma lição de jornalismo político-oficial de emergência. Logo esquecida, pois nunca mais tive oportunidade de aplicá-la.

A feição *quente* do nosso noite-a-noite não impedia o cultivo de amenidades em outras seções do *Minas*. O espírito aberto (melhor, a tolerância) do doce Abílio permitia-me saltar dos compartimentos da Aliança Liberal para a crônica fútil, sob pseudônimos variados, em que talvez me divertisse mais do que aos leitores. Pegou o costume de arejar a face carrancuda do jornal, já então cheio de colaborações históricas, literárias, econômicas, etc., adicionando-lhe frivolidades, supostamente forradas de *humour*. Anos depois, sob a direção de Mário Casassanta, éramos vários a encher o *Minas* de poeminhas, comentários brincalhões sobre filmes, miudezas no gênero. Isso aparecia com relativa discrição, um palmo de coluna em grifo, para não scandalizar os altos poderes e leitores mais sisudos. Não podendo pagar com o vil metal, Mário retribuía os colaboradores adventícios mandando encadernar nas oficinas da Imprensa os livros de suas estantes particulares. Que, não fôra isso, os contentariam apenas brochuras, pois quem, entre os literatos oficiais, tinha dinheiro naquela época?

Levado a exercer outras atividades, não perdi de todo o contato com o *Minas*, onde chegara a redator. Nem era possível o desligamento completo. A Imprensa Oficial continuava a ser a casa da gente, franqueada a escritores moços em geral, aos quais facilitava a publicação de suas

obras, em singela antecipação do sistema de crediário. Assim nasceu meu primeiro livro, *Alguma Poesia*, pago à medida que se vendiam as poucas centenas de exemplares da edição, feita na casa.

Dali saíram também os volumes com o selo de “Os Amigos do Livro”, minicooperativa ideada e posta em funcionamento por mestre Eduardo Frieiro, redator do *Minas*, esquivo e sardônico, mas excelente praça na hora de ajudar e de bolar requintes gráficos. Passando depois aos cuidados de Orlando Carvalho, a pequena editora marcou um instante criativo de prosadores e poetas mineiros, à sombra dessa gameleira frondosa que foi sempre, para as letras, e agora também para as artes, a Imprensa Oficial.

Ouçõ ainda, transcorridos quarenta anos, a doce música mecânica. Ressoa no fundo de mim, e é grato abrir a porta imaginária para receber, de chofre, a “canção de uma nota só”, das linotipos do *Minas Gerais*.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (1902–87), mineiro de Itabira, o maior poeta brasileiro do século XX foi também um extraordinário cronista. Sua produção no gênero está reunida, até o momento, em catorze livros.

**H**á um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjecturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: — Que calor! que sol! é de rachar passarinho! é de fazer um homem doido!





# DA CRÔNICA

MACHADO DE ASSIS

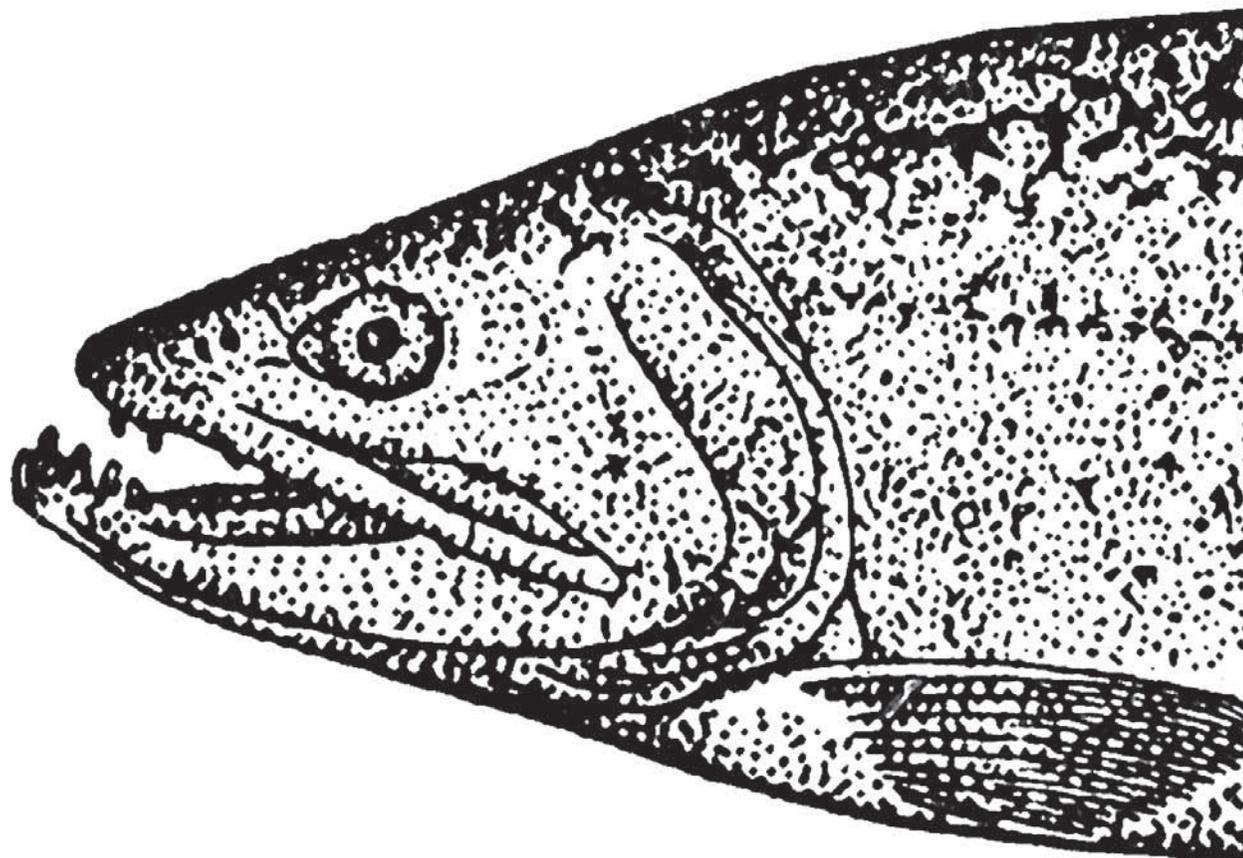
Íamos em carros; apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

Da série "História de 15 dias", na revista *Ilustração Brasileira*, 1º/11/1877

MACHADO DE ASSIS (1839–1908), carioca do Rio de Janeiro, foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Deixou clássicos como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Escreveu mais de 600 crônicas.

---





O homem pediu truta e o garçom perguntou se ele não gostaria de escolher uma pessoalmente.

— Como, escolher?

— No nosso viveiro. O senhor pode escolher a truta que quiser.

Ele não tinha visto o viveiro ao entrar no restaurante. Foi atrás do garçom. As trutas davam voltas e voltas dentro do aquário, como num cortejo. Algumas paravam por instante e ficavam olhando através do vidro, depois retomavam o cortejo. E o homem se viu encarando, olho no olho, uma truta que estacionara com a boca encostada no vidro à sua frente.

— Essa está bonita... — disse o garçom.

— Eu não sabia que se podia escolher. Pensei que elas já estivessem mortas.

— Não, nossas trutas são mortas na hora. Da água direto para a panela.

A truta continuava parada contra o vidro, olhando para o homem.

— Vai essa, doutor? Ela parece que está pedindo...

Mas o olhar da truta não era de quem queria ir direto para uma panela. Ela parecia examinar o homem. Parecia estar calculando a possibilidade de um diálogo.

Estranho, pensou o homem. Nunca tive que tomar uma decisão assim. Decidir um destino, decidir entre a vida e a morte. Não era como no supermercado, em que os bichos já estavam mortos e a responsabilidade não era sua — pelo menos não diretamente. Você podia comê-los sem remorso. Havia toda uma engrenagem montada para afastar você do remorso. As galinhas vinham já esquartejadas, suas partes acondicionadas em bandejas congeladas, nada mais distante da sua responsabilidade. Os peixes jaziam expostos no gelo, com os olhos abertos mas sem vida. Exatamente, olhos de peixe morto. Mas você não decretara a morte deles. Claro, era com sua aprovação tácita que bovinos, ovinos, suínos, caprinos, galinhas e peixes eram assassinados para lhe dar de comer. Mas você não estava presente no ato, não escolhia a vítima, não dava a ordem. Não via o sangue. De certa maneira, pensou o homem, vivi sempre assim, protegido das entranhas do mundo. Sem precisar me comprometer.

Sem encarar as vítimas. Mas agora era preciso escolher.

— Vai essa, doutor? – insistiu o garçom.

— Não sei. Eu...

— Acho que foi ela que escolheu o senhor. Olha aí, ficou paradinha. Só faltando dizer “Me come”.

O homem desejou que a truta deixasse de encará-lo e voltasse ao carrossel junto com as outras. Ou que pelo menos desviasse o olhar. Mas a truta continuava a fitá-lo. Ele estava delirando ou aquele olhar era de desafio?

— Vamos – estava dizendo a truta. – Pelo menos uma vez na vida, seja decidido.

Me escolha e me condene à morte, ou me deixe viver. A decisão é sua. Eu não decido nada. Sou apenas um peixe, com cérebro de peixe. Não escolhi estar neste tanque. Não posso decidir a minha vida, ou a de ninguém. Mas você pode. A minha e a sua. Você é um ser humano, um ente moral, com discernimento e consciência. Até agora foi um protegido, um desobrigado, um isento da vida. Mas chegou a hora de se comprometer. Você tem uma biografia para decidir. A minha. Agora. Depois pode decidir a sua, se gostar da experiência. O que não pode é continuar se escondendo da vida, e...

— Vai essa mesmo, doutor? – quis saber o garçom, já com a rede na mão para pegar a truta.

— Não – disse o homem. – Mudei de ideia. Vou pedir outra coisa.

E de volta na mesa, depois de reexaminar o cardápio, perguntou:

— Esses camarões estão vivos?

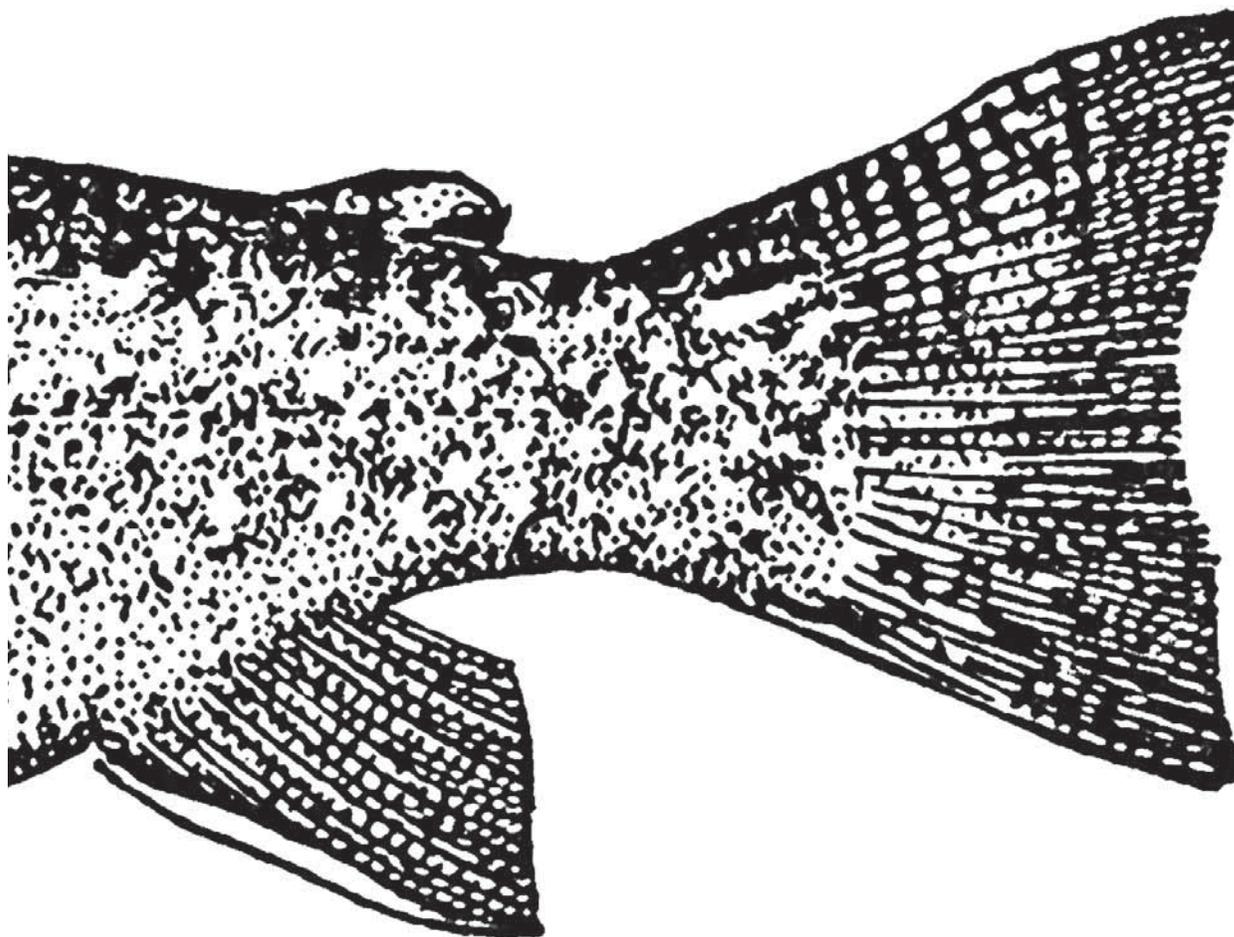
— Não, doutor. Os camarões estão mortos.

— Pode trazer.

# A TRUTA

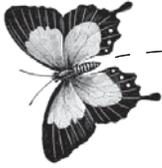
LUIS FERNANDO VERISSIMO

---



LUIS FERNANDO VERISSIMO (1936), gaúcho de Porto Alegre, publica crônicas em vários jornais brasileiros, entre eles *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Tem coletâneas no gênero, entre elas *Comédias da vida privada*. “A truta”, de 2009, é inédita em livro.

---



# SER BROTTINHO

PAULO MENDES CAMPOS

---

Ser brotinho não é viver num píncaro azulado: é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

Ser brotinho é não usar pintura alguma, às vezes, e ficar de cara lambida, os cabelos desarrumados como se ventasse forte, o corpo todo apagado dentro de um vestido tão de propósito sem graça, mas lançando fogo pelos olhos. Ser brotinho é lançar fogo pelos olhos.

É viver a tarde inteira, em uma atitude esquemática, a contemplar o teto, só para poder contar depois que ficou a tarde inteira olhando para cima, sem pensar em nada. É passar um dia todo descalça no apartamento da amiga comendo comida de lata e cortar o dedo. Ser brotinho é ainda possuir vitrola própria e perambular pelas ruas do bairro com um ar sonso-vagaroso, abraçada a uma porção de elepês coloridos. É dizer a palavra feia precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e natural. É também falar *legal* e *bárbaro* com um timbre tão por cima das vãs agitações humanas, uma inflexão tão certa de que tudo neste mundo passa depressa e não tem a menor importância.

Ser brotinho é poder usar óculos como se fosse enfeite, como um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas é também dar sentido de repente ao

vácuo absoluto. É aguardar com paciência e frieza o momento exato de vingar-se da má amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.

É telefonar muito, estendido no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinha de madrugada pelas ruas da cidade. Achar muito bonito um homem muito feio; achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na sacada do apartamento, pensando coisa brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

Ser brotinho é comparar o amigo do pai a um pincel de barba, e a gente vai ver está certo: o amigo do pai parece um pincel de barba. É sentir uma vontade doida de tomar banho de mar de noite e sem roupa, completamente. É ficar eufórica à vista de uma cascata. Falar inglês sem saber verbos irregulares. É ter comprado na feira um vestidinho gozado e bacanérrimo.

É ainda ser brotinho chegar em casa ensopada de chuva, úmida camélia, e dizer para a mãe que veio andando devagar para molhar-se mais. É ter saído um dia com uma rosa vermelha na mão, e todo mundo pensou com piedade que ela era uma louca varrida. É ir sempre ao cinema mas



com um jeito de quem não espera mais nada desta vida. É ter uma vez bebido dois gins, quatro uísques, cinco taças de champanha e uma de cinzano sem sentir nada, mas ter outra vez bebido só um cálice de vinho do Porto e ter dado um vexame modelo grande. É o dom de falar sobre futebol e política como se o presente fosse passado, e vice-versa.

Ser brotinho é atravessar de ponta a ponta o salão da festa com uma indiferença mortal pelas mulheres presentes e ausentes. Ter estudado ballet e desistido, apesar de tantos telefonemas de Madame Saint-Quentin. Ter trazido para casa um gatinho magro que miava de fome e ter aberta uma lata de salmão para o coitado. Mas o bichinho comeu o salmão e morreu. É ficar pasmada no escuro da varanda sem contar para ninguém a miserável traição. Amanhecer chorando, anoitecer dançando. É manter o ritmo na melodia dissonante. Usar o mais caro perfume de blusa grossa e *blue-jeans*. Ter horror de gente morta, ladrão dentro de casa, fantasmas e baratas. Ter compaixão de um só mendigo entre todos os outros mendigos da Terra. Permanecer apaixonada a eternidade de um mês por um violinista estrangeiro de quinta ordem. Eventualmente, ser brotinho é como se não fosse, sentindo-se quase a cair do galho, de tão amadurecida em todo o seu ser. É fazer marcação cerrada sobre a presunção incomensurável dos homens. Tomar uma pose, ora de soneto moderno, ora de minueto, sem que se dissipe a unidade essencial. É policiar parentes, amigos, mestres e mestras com um ar songamonga de quem nada vê, não ouve, nada fala.

Ser brotinho é adorar. Adorar o impossível. Ser brotinho é detestar. Detestar o possível. É acordar ao meio-dia com uma cara horrível, comer somente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de pijama telefonando até a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha é a vida sobre a Terra.

PAULO MENDES CAMPOS (1922-91), mineiro de Belo Horizonte, foi poeta e cronista. "Ser brotinho" faz parte da coletânea *O amor acaba* (Civilização Brasileira).



Oito horas da manhã, fui levar o desjejum dos cachorros. Hera, a fêmea nova, pulava e brincava com a inocência da juventude, feliz ao ver comida, qualquer comida. Pança, o macho velho, deitado de banda, abanou vagamente o rabo quando me percebeu. Está banguela, praticamente cego, quase totalmente surdo. Engasga com frequência, perde o fôlego, fica de pernas bambas procurando se equilibrar. Não sei o que vê quando me olha, talvez vago vulto difuso, algum fantasma familiar, quem sabe me reconheça pelo cheiro. Foi presente de Natal pra minha filha Teresa, quando ela tinha três anos. Feitas as contas, deve andar pelos 15 anos e oito meses. Se for verdade que a cada ano nosso corresponde sete na vida dos cachorros, Pança tem hoje 109,5. Como tenho 68,5, ele é 41 anos mais velho. Quer dizer, está velho pra cacete! Mas tudo tem remédio, não é mesmo? Basta otimismo, jogo de cintura e um monte de grana.

### **Sim, tem remédio pra tudo**

Já que o pessoal de casa estava preocupado com a decrepitude de Pança, marquei dia e hora em meu nome, botei o bicho numa caixa e fomos ao oftalmologista. Chegando ao consultório chique, coloquei a caixa numa cadeira e me dirigi à secretária.

- Temos consulta marcada, disse eu.
- Qual é o nome do paciente?
- Sancho Pança.

A moça me encarou séria, eu estava sério, então pegou uma ficha e começou a anotar. Depois do nome, perguntou a idade.

- 109 anos e meio.

Tenho a impressão de que ela estremeceu de leve e olhou o telefone, em dúvida se devia pedir socorro. Com certeza estava diante de um

louco. Percebendo a confusão, resolvi ser claro, e disse que o cliente não era eu, mas o cachorro velho da caixa.

A moça abriu a boca, tentou falar, engoliu as palavras, levantou-se e entrou no consultório, depois de bater violentamente na porta. Ficou lá algum tempo, voltou e disse com secura, encostada na parede:

— Podem entrar.

Sem qualquer comentário, o médico botou Pança sentado numa cadeira e mandou que lesse uma escadinha de letras impressas num cartazete. Pança se recusou a ler. Diante disso, o doutor mudou de tática. Pingou colírio nos olhos do velhinho e realizou uma série interminável de testes com instrumentos complicados. Feito isso, lavou as mãos, sentou-se, cruzou os dedos debaixo do queixo e sentenciou:

— Catarata das boas, avançadíssima. O jeito é operar. Custa tanto.

Levei um susto danado – mas fazer o quê? O velhote merecia.

### **Pagando pra ver e morder**



Depois de operado e quando o médico retirou as ataduras, fomos à óptica aviar a receita dos óculos. Pança se comportou bem, o vendedor idem, eu também. De modo que saímos felizes, o velhinho apreciando a paisagem (e umas cachorrinhas novas no percurso pra casa) com imensa alegria, expressa no constante abanar de rabo.

Bom, o problema da vista estava resolvido. Restavam a falta de dentes, a surdez e a fraqueza das pernas. Decidi começar pelos dentes e marquei consulta pra orçamento de dentaduras duplas, que os cacos restantes não teriam salvação, pensei.

E acertei. O dentista mostrou várias dentaduras brilhantes, bateu umas nas outras, produzindo aquele estalo agudo que os esqueletos fazem ao rir dos vivos. Vendo que eram boas e resistentes (Pança adora roer osso, como todo cachorro decente), acertei o preço e os trabalhos foram iniciados. Pela extração dos cacos, é lógico.

Anestesiado, Pança mais uma vez se comportou bem. Por trás das lentes espessas, vi que seus olhos brilhavam. Bicho inteligente estava ali! Um a um, o doutor arrancou os destroços, deixando a boca do velhinho tão lisa quanto a minha cabeça. Marcou prazo pra que a inflamação cedesse e fomos embora.

Durante alguns dias Pança tomou sopa de letrinhas com caldo de carne e pão picadinho, misturados com sua ração predileta. Todos na família se revezavam em dar-lhe a comida na boca, uns de colher, outros de canudinho. Tanto fazia pra ele, gostava de ambos os métodos, e mais ainda de nossa demonstração de carinho.

### **Escutando e correndo**



Alguns meses depois, o bom velhinho ria por qualquer coisa com seu par de elegantes dentaduras novas. Estalava os dentes, mastigava ossos e tijolos e nos olhava com alegria através dos óculos, que mantinha constantemente limpos e lustrosos à custa de lambidelas. Todos estavam felizes, mas faltavam algumas providências.

Foi assim que visitamos famoso especialista em surdez avançada e, quase ao mesmo tempo, um geriatra importante, além de renomado ortopedista.

O problema da surdez foi mais simples. Por alguns poucos milhares de reais, Pança passou

a usar minúsculos aparelhos aplicados dentro das orelhas, dos mais sofisticados, de modo que ouvia muito bem. O geriatra receitou vitaminas, hormônios, estimulantes e também uma cadela nova, de preferência abaixo dos cinco anos. Também cobrou uma nota. O ortopedista não fez por menos. Examinou, apalpou, mandou fazer chapas das pernas e finalmente anunciou uma artrose braba, que resultou num par de muletas de alumínio dobráveis, importadas da Alemanha.

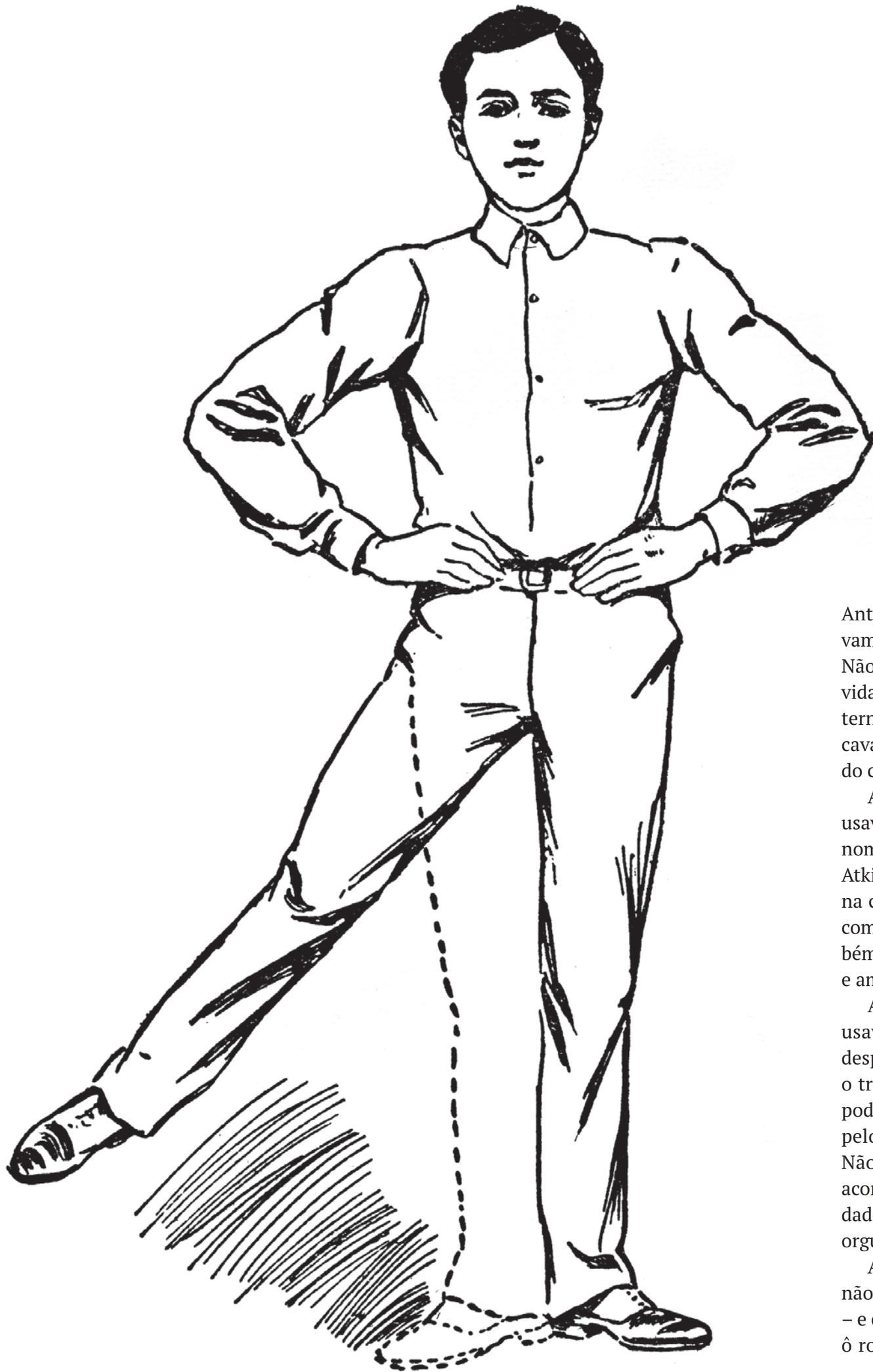
Atualmente, toda tarde Pança vai dar voltinhas na praça, acompanhado de bela e dengosa cadela. De óculos grossos, aparelho de surdez, rindo à-toa, bem nutrido e apoiado com leveza nas muletas brilhantes, faz o maior sucesso entre a cachorrada.

### **Fazendo as contas**



O rejuvenescimento custou caro. Por baixo, uns cinco mil reais. Mas Pança está remoçado e feliz da vida. Tão feliz que deve durar mais um cinco anos, alegre e contente. Pena é que não se faça o mesmo com nossos milhões de velhinhos pobres, meio cegos, desdentados, surdos e artríticos. Mas quem iria pagar a conta?

SEBASTIÃO NUNES (1938),  
é mineiro de Bocaiuva. Poeta, editor e cronista dominical do jornal *O Tempo*, é autor do livro de crônicas *Adão e Eva no paraíso amazônico* (Ed. Dubolsinho, 2009).



Antigamente os homens, certos homens, usavam espelinho no bolso e sapatos de bico fino. Não sempre, mas em alguns momentos de suas vidas, sucumbiram à tentação cafajuste de um terno de linho branco. O espelho, redondo, ficava no bolsinho de cima do paletó, na altura do coração.

Antigamente os homens, certos homens, usavam brilhantina perfumada nos cabelos, de nomes elegantes como Royal Bryar, Glostora e Atkinson. Partiam os cabelos ao meio, colados na cabeça, e fechavam as duas metades atrás, como asas de pombo. Partida ao meio era também a vida deles, amores castos até certa hora e amores gulosos até as tantas.

Antigamente os homens, certos meninos, usavam calças curtas como símbolo do seu despreparo para a vida, para os amores e para o trabalho; eram chamados de frangotes e só podiam desfazer-se das calças curtas quando pelos indiscretos brotassem em seus corpos. Não sempre, e nem todos, mas quando isso acontecia eram tomados de vergonha, necessidade inadiável de raspar a penugem do rosto e orgulhar-se secretamente da outra.

Antigamente os homens, certos rapazes, não podiam participar da vida, só espreitá-la – e como espreitavam! Ô meninos, ô sobrados, ô românticos! E liam poesia para entender o

# Certos homens

IVAN ANGELO

---

que lhe ia n'alma – impossível outro diálogo que não com os poetas. Os pais nada sabiam de dúvidas e de suicídios, de cadáveres de jovens que, dizia-se, apareciam boiando nos rios.

E acima de tudo, antigamente, os homens, certos rapazes, se consumiam de amor. Suavam nas mãos ante a iminência de um beijo, que não se realizava porque colocavam expectativas demais naquela hipótese, e tremiam como em perigo. Não sempre, mas em alguns momentos de suas vidas, acreditaram que só uma mulher, só uma – ah!

(Os mais perdidamente românticos sonhavam tresnoitados que pelas cabeleiras delas subiriam para alcançar o topo de torres imaginadas, a fim de libertá-las de bruxos e monstros, casarem-se com elas e serem os dois felizes para sempre...)

Certos jovens, o mais correto seria dizer namorados, certos namorados tinham balas no bolsos para adoçar beijos – a bala de cá para lá nas matinês dos cinemas; tomavam sorvete a dois para gelar beijos; trocavam cartas onde colavam beijos; jogavam beijos para janelas entrefechadas onde adivinhavam corações entreabertos; inventavam sonhos para sonhar beijos.

Antigamente os homens, certos moços, barbeavam-se, perfumavam-se, penteavam-se

com brilhantina e iam para certas praças ou calçadas, onde formavam um corredor de olhares, pelo meio do qual desfilavam moças sem namorados, que iam, e voltavam, e iam, e voltavam, e ali eles consideravam o visível e o invisível delas com disfarçados olhares de fogo. Alguns conquistavam seus telefones com a ajuda de feias amigas prestativas – pois as belas não podiam sair do corredor de olhos, vigiadas de perto por um irmão ou alguma guardiã –, enquanto outros de pouca sorte voltavam para casa apaixonados, determinados a repetir tudo na semana seguinte, esperançosos de que a escolhida não tivesse escolhido ninguém e voltasse ao excitante jogo de conquistas do footing.

Esses homens, certos homens, mandavam cartas sem o pudor de confessar ciúmes ou juras; dançavam boleros com charme latino; nos bailes, puxavam do bolso um imaculado lenço branco para não suar nas mãos das damas amadas ou pretendidas; iam à missa aos domingos e ficavam do lado de fora da igreja, como se ficar lá dentro fosse coisa de mulheres e de seus maridos.

E muitas vezes, antigamente, os homens, certos homens, casavam-se por amor e continuavam apaixonados até o fim da vida, alguns pela mesma mulher.

---

IVAN ANGELO (1936), mineiro de Barbacena, é autor de *A festa e Amor?*, romances, *A casa de vidro*, novelas, e *A face horrível*, contos, entre outros. Cronista, escreve na revista *Veja São Paulo*. No gênero, sua coletânea mais recente é *Certos homens*.

---

# AULA DE INGLÊS

RUBEM BRAGA

---

— Is this an elephant?

Minha tendência imediata foi responder que não; mas a gente não deve se deixar levar pelo primeiro impulso. Um rápido olhar que lancei à professora bastou para ver que ela falava com seriedade, e tinha o ar de quem propõe um grave problema. Em vista disso, examinei com a maior atenção o objeto que ela me apresentava.

Não tinha nenhuma tromba visível, de onde uma pessoa leviana poderia concluir às pressas que não se tratava de um elefante. Mas se tirarmos a tromba a um elefante, nem por isso deixa ele de ser um elefante; mesmo que morra em consequência da brutal operação, continua a ser um elefante; continua, pois um elefante morto é, em princípio, tão elefante como qualquer outro. Refletindo nisso, lembrei-me de averiguar se aquilo tinha quatro patas, quatro grossas patas, como costumam ter os elefantes. Não tinha. Tampouco consegui descobrir o pequeno rabo que caracteriza o grande animal e que, às vezes, como já notei em um circo, ele costuma abanar com uma graça infantil.

Terminadas as minhas observações, voltei-me para a professora e disse convincentemente:

— No, it's not!

Ela soltou um pequeno suspiro, satisfeita: a demora de minha resposta a havia deixado apreensiva. Imediatamente perguntou:

— Is it a book?

Sorri da pergunta: tenho vivido uma parte de minha vida no meio de livros, conheço livros, lido com livros, sou capaz de distinguir um livro a primeira vista no meio de quaisquer outros objetos, sejam eles garrafas, tijolos ou cerejas maduras — sejam quais forem. Aquilo não era um livro, e mesmo supondo que houvesse livros encadernados em louça, aquilo não seria um deles: não parecia de modo algum um livro. Minha resposta demorou no máximo dois segundos:

— No, it's not!

Tive o prazer de vê-la novamente satisfeita — mas só por alguns segundos. Aquela mulher era um desses espíritos insaciáveis que estão sempre a se propor questões, e se debruçam com uma curiosidade aflita sobre a natureza das coisas.

— Is it a handkerchief?

Fiquei muito perturbado com essa pergunta. Para dizer a verdade, não sabia o que poderia ser um handkerchief; talvez fosse hipoteca... Não, hipoteca não. Por que haveria de ser hipoteca? Handkerchief! Era uma palavra sem a menor sombra de dúvida antipática; talvez fosse chefe de serviço ou relógio de pulso ou ainda, e muito provavelmente, enxaqueca. Fosse como fosse, respondi impávido:

— No, it's not!

Minhas palavras soaram alto, com certa violência, pois me repugnava admitir que aquilo ou qualquer outra coisa nos meus arredores pudesse ser um handkerchief.

Ela então voltou a fazer uma pergunta. Desta vez, porém, a pergunta foi precedida de um certo olhar em que havia uma luz de malícia, uma espécie de insinuação, um longínquo toque de desafio. Sua voz era mais lenta que das outras vezes; não sou completamente ignorante em psicologia feminina, e antes dela abrir a boca eu já tinha a certeza de que se tratava de uma palavra decisiva.

— Is it an ashtray?

Uma grande alegria me inundou a alma. Em primeiro lugar porque eu sei o que é um ashtray: um ashtray é um cinzeiro. Em segundo lugar porque, fitando o objeto que ela me apresentava, notei uma extraordinária semelhança entre ele e um ashtray. Era um objeto de louça de forma oval, com cerca de 13 centímetros de comprimento.

As bordas eram da altura aproximada de um centímetro, e nelas havia reentrâncias curvas — duas ou três — na parte superior. Na depressão central, uma espécie de bacia delimitada por essas bordas, havia um

pequeno pedaço de cigarro fumado (uma bagana) e, aqui e ali, cinzas esparsas, além de um palito de fósforos já riscado. Respondi:

— Yes!

O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto completamente iluminado por onda de alegria; os olhos brilhavam – vitória! vitória! – e um largo sorriso desabrochou rapidamente nos lábios havia pouco franzidos pela meditação triste e inquieta. Ergueu-se um pouco da cadeira e não se pôde impedir de estender o braço e me bater no ombro, ao mesmo tempo que exclamava, muito excitada:

— Very well! Very well!

Sou um homem de natural tímido, e ainda mais no lidar com mulheres. A efusão com que ela festejava minha vitória me perturbou; tive um susto, senti vergonha e muito orgulho.

Retirei-me imensamente satisfeito daquela primeira aula; andei na rua com passo firme e ao ver, na vitrine de uma loja, alguns belos cachimbos ingleses, tive mesmo a tentação de comprar um. Certamente teria entabulado uma longa conversação com o embaixador britânico, se o encontrasse naquele momento. Eu tiraria o cachimbo da boca e lhe diria:

— It's not an ashtray!

E ele na certa ficaria muito satisfeito por ver que eu sabia falar inglês, pois deve ser sempre agradável a um embaixador ver que sua língua natal começa a ser versada pelas pessoas de boa-fé do país junto a cujo governo é acreditado.





# Amistoso

RACHEL DE QUEIROZ

Os visitantes ou adversários, convidados para aquela partida amistosa do chamado “esporte bretão”, chegaram festivamente num caminhão ornado de arcos e guirlandas. Sim, no começo tudo são flores. Flores e palmas, discursos, garrafas de cerveja, e os cartolas, que se distinguem dos demais presentes pelos bonitos ternos domingueiros, gravatas, chapéus de seda, como convém a legítimos paredros.

Não havendo no campo instalações de vestiário, os craques descem do carro já devidamente uniformizados – camisa de azul-turquesa, meias e chuteiras, sim, chuteiras regulamentares, que isso é jogo de fato e não pelada de moleques. Deficiências, se as há, é no campo propriamente dito, que seria ótimo se não sofresse de uma depressão bem

no seu centro geométrico, exatamente onde se costuma riscar aquele grande círculo de giz. E como essa praça de esportes se situa numa baixada, sempre que chove apresenta o aspecto de um prato fundo cheio de água – e quando não é água é lama.

Naquele dia, felizmente, era apenas lama, e pouca. E sob os aplausos da assistência, tanto mais animada porque gratuita (ainda é um problema a resolver, esse da assistência em campo aberto, sem possibilidades de bilheteria). Juiz, jogadores, cartolas, reúnem-se um pouco de lado, pois que os paredros estão de sapatos novos e aquela supracitada lama os assusta um pouco; faz-se o toss, os visitantes pegam o lado sul que é o melhor, o presidente dos locais dá graciosamente o primeiro chute.

**Começou a partida!**

## 1.º TEMPO

Xaveco, mulato, brevilineo de canelas arqueadas, revela imediatamente a sua classe de grande artilheiro: tem fôlego, tem velocidade, tem cada tiro direito ou canhoto – tanto faz – que arranca aplausos frenéticos da torcida. Outra grande figura em campo é o goleiro dos visitantes. E o jogo vai indo muito bem, bola para lá e para cá, passe, cabeçada, chute a gol, gol – não, gol não, passou por cima da trave. O couro vai para Bira, Bira perde para um galalau amarelo dos "estrangeiros", o galalau perde para Zico, Zico passa para Lucas, que perde para o capitão dos visitantes, um louro de gorro de meia. Aí Xaveco interfere na raça, toma a bola, o louro tranca, Xaveco dá-lhe uma carga, o louro acha ruim, revida, o juiz apita, os dois se agarram e por trás chega Bira, que é gordo e violento, e larga um pontapé no terço inferior da coluna vertebral do louro. Fecha-se o tempo, o juiz apita, a assistência pula a cerca e invade o campo, o pau começa a comer, mormente nas costas dos forasteiros, o juiz retira-se e se encosta à cerca, aguardando aparentemente que os ânimos serenem. Quem interfere são os paredros, austeros e educados, com as suas gravatas ao vento, chamam asperamente os craques à ordem, expulsam a assistência, interpelam o juiz, que relutantemente volta ao seu posto; aos poucos os craques se acomodam, o juiz apita, os paredros recolhem-se. O jogo recomeça.

Mas parece que o incidente estimulou os visitantes, que dão para jogar milhões. São uns húngaros. O time local perde terreno, o galalau passa a marcar Xaveco, que não dá mais uma dentro. E o diabo do louro tornou-se proprietário do balão, marca um gol de saída, depois o seu "secretário", um crioulinho ligeiro que é uma faísca, marca o segundo tento; e aí Xaveco, desesperado (talvez dentro da área penal), atira uma canelada terrível no galalau, derruba-o, avança no crioulo, larga-lhe o salto da chuteira por cima do dedão, o crioulo grita, o louro acode, Xaveco já completamente louco lhe dá um tapa na cara, o juiz apita, uns gritam foul outros gritam penalty, e um engraçado diz que foi só hands, já que Xaveco apenas meteu a mão na lata do loureba.

O juiz continua apitando, parece que vai mesmo marcar o penalty. E um torcedor local puxa o revólver, dizendo que aquele penalty só se for passando por cima de algum cadáver. O juiz nessa altura se declara cheio com a partida e larga o apito ali mesmo. Um paredro fala que ele será expulso do quadro de árbitros e o juiz dá o troco, que quadro de árbitros uma ova. Mas um dos bandeirinhas voluntários logo se apossa do apito, passa a dirigir o pessoal com surpreendente autoridade e, quando se vê, o jogo começa outra vez. Vai macio, vai de valsa, é um minueto, até que consultados os cronômetros verifica-se que acabou o primeiro half-time, passando-se ao recesso para em seguida dar início ao

## 2.º TEMPO

que não houve, segundo passo a expor. Pois não vê que no Distrito havia uma queixa contra Bira – queixa dada por certa donzela que deixara de o ser por artes do craque. Bira escondera-se e só agora aparecia em público, atendendo a apelos da torcida, por tratar-se de amistoso importantíssimo. Mas a polícia, que não tem bandeira, aproveitara a ocasião e, antes que o réu pirasse, dava-lhe voz de "esteje preso".

A assistência, entretanto, que de nada sabia, cuidou que a prisão se prendia à queixa dos visitantes por causa do pontapé de há pouco. E vendo Bira ser arrastado campo a fora, irrompeu num sururu dos diabos, vaiando as visitas com buus e nomes feios; as quais visitas, que tomavam Coca-Cola encostadas à cerca, vendo-se atingidas não só pelos doestos como por pedaços de pau e tijolo, revidaram com as garrafas de refrigerante. O tempo fechou outra vez. Os polícias largaram o preso e se meteram no conflito. E quando os de fora começavam a apanhar feio, o motorista deles teve uma ideia: encostou o caminhão bem perto e tocou a buzina. A turma entendeu logo (ou quem sabe já era manobra habitual em "amistosos"?) e de um em um foram deslizando da briga e subindo para o carro. O que sei é que, quando os locais deram pela coisa, os inimigos já partiam numa nuvem de poeira, abandonando na pressa um dos seus paredros, malferido, com o sangue escorrendo do nariz e o belo terno rôto.

Bira, igualmente, aproveitara a confusão para ir saindo de manso; agachado numa moita, lá em cima do morro, ficou a espiar o tintureiro chegar, encostar e, de um em um, recolher os remanescentes da refrega. E só saiu do esconderijo tarde fechada, quando no campo completamente deserto uma garça vinda do Jequiá sobrevoava o alagado, bicando restos das flores do buquê ofertado pelos visitantes.

RACHEL DE QUEIROZ (1910–2003), cearense de Fortaleza, deixou clássicos como o romance *O quinze e Memorial de Maria Moura*, mas também uma dezena de seletas de crônicas como as que durante trinta anos publicou na revista *O Cruzeiro*. "Amistoso" está em *100 crônicas escolhidas*.

# A mulher vestida

Eu estava num centro comercial de Copacabana e era sábado, pouco depois do meio-dia. Às tantas, comecei a ouvir uma martelada de ensurdecer. O dono de uma lojinha de sapatos para senhoras chegou-se à porta, assustado:

— Que será isso?

E saiu pelo corredor a investigar. Caminhávamos na mesma direção e logo descobrimos que o ruído vinha de uma sala fechada, um curso de ginástica. Batiam desesperadamente na porta, lá dentro — com um halteres, no mínimo.

— Que está acontecendo? — o sapateiro gritou do lado de cá.

Uma voz chorosa de mulher explicou que a porta estava trancada, ela não podia sair:

— Quede a chave? — berrou o homem.

— O professor levou — respondeu a voz.

— Que professor?

— O professor de ginástica.

— Espere, que eu vou chamar o zelador — arrematou o homem, solícito.

E se voltou para mim:

— O senhor podia fazer o favor de procurar o zelador para soltar a mulher? Não posso abandonar a minha loja sem ninguém.

Assim, ele ia tirar a castanha com a mão do gato. Não tive outro jeito senão sair à procura do zelador.

Encontrei-o à porta do prédio chupando uma tangerina. Era um pau-de-arara delicado e solícito, mas infelizmente não podia fazer nada: não tinha chave da sala.

Voltei ao corredor, vencendo a tentação de cair fora de uma vez, deixar que a mulher se arranjasse. A bateção recomeçara, ela parecia disposta a botar a porta abaixo:

— Abre essa porta! Pelo amor de Deus!

— Calma, minha senhora — berrei do lado de cá:

— Vamos ver se a gente dá um jeito.

No corredor ia-se juntando gente, e várias sugestões eram aventadas: abrir um buraco na parede, chamar o Corpo de Bombeiros, retirá-la pela janela.

— Deve ser uma mulher forte pra chuchu.

— Eu se fosse ela aproveitava e quebrava tudo lá dentro.

Pensei em transferir a alguém mais a tarefa que o sapateiro me confiara, não encontrei ninguém que parecesse disposto a aceitar a responsabilidade: todos se limitavam a fazer comentários



## FERNANDO SABINO

jocosos, estavam é se divertindo com o incidente. De súbito, me ocorreu perguntar à mulher o número do telefone do professor. Foi um custo fazê-la cantar de lá a resposta, algarismo por algarismo. Saí para a rua à procura de um telefone — tive de andar um quarteirão inteiro até uma farmácia, onde fiquei aguardando na fila. Chegou afinal a minha vez. Atendeu-me uma voz de criança, certamente filha do professor. Que ainda não havia chegado em casa, pelo que pude entender:

— Escuta, meu benzinho, diga para o papai que tem uma mulher trancada na sala lá do curso dele, está me entendendo? Repete comigo: uma mulher trancada...

Não havendo mais nada a fazer, resolvi tomar o caminho de casa — mas a curiosidade me arrastou mais uma vez até o centro comercial, para uma última olhada sem compromisso.

O interesse conquistara todo o andar, espalhava-se aos demais, ganhava a rua: gente se acotovelava diante do prédio, agora era uma multidão de verdade que acompanhava os acontecimentos:

- Por que não arrombam a porta de uma vez?
- O que é que a mulher está fazendo lá dentro?
- Dizem que ela está nua.

A palavra mágica correu logo entre a multidão: nua, uma mulher nua! e cada vez juntava mais gente, ameaçando interromper o tráfego:

— Mulher nua! Mulher nua! — gritavam os moleques.

Dois soldados da polícia militar passaram correndo, cassetete em riste, sem saber para onde se dirigir. A multidão se abriu, precavidamente. Um homem de ar decidido pedia licença e ia entrando pelo centro comercial a dentro, como quem vai resolver o problema. Devia ser algum comissário de polícia.

Era o professor, que comparecia com a chave, não sei se mercê do meu recado. Em pouco a porta do curso de ginástica se abriu e a mulher saiu, ressabiada — completamente vestida. Era baixinha e meio gorda, estava mesmo precisando de ginástica.

FERNANDO SABINO (1923–2004), mineiro de Belo Horizonte, deixou romances como *O encontro marcado* e numerosas coletâneas de crônicas, entre elas *O homem nu* e *Deixa o Alfredo falar!* (Record).



A única vantagem de viver-se na companhia de uma mulher é  
a mulher. Aponte outra.

# Canção de homens e mulheres lamentáveis

ANTÔNIO MARIA

---

Esta noite... esta chuva... estas reticências. Sei lá.

Quem seria capaz de abrir o peito e mostrar a ferida? De dizer o nome? De lembrar, sequer lembrar, o rosto?

Quem seria capaz de contar a história? De chamar o maior amigo, ou melhor, o inimigo, e dizer:

— Eu estou me sentindo assim, assim, assim...

A humanidade está necessitando, urgentemente, de afeto e milagre. Mas não sabe onde estão as mãos, nem os deuses. E, quando souber, vai achar que as mãos e os deuses são de mentira. Os olhos de todos estarão cheios de medo, os olhos das jovens raparigas, os olhos, os braços, o ventre e as pernas das jovens raparigas, receosos de pagar com os que-fazeres do sexo.

Nesta noite, com esta chuva, as jovens raparigas não são importantes. Apenas uma tem importância. Mas quem seria de todo livre e descuidado a ponto de dizer o seu nome? De pensar o seu nome?

— Você diria em público o nome da Amada? E suportaria ouvi-lo? Não, não, o nome dela, em sua boca ou na dos outros, é tão proibido como sua nudez (dela). Não há diferença.

E por que você não se transforma no homem banal, que se encharca de álcool, para apregoar a desdita? Seria mais fácil. Talvez alguém lhe chamasse de porco e você revidasse com um soco no rosto, um só rosto, de todo o Gênero Humano. Viria a Polícia, que simplifica tudo, generalizando. E tudo se transformaria em notícia: “Preso o alcoólatra, quando injuriava e agredia a Família Brasileira, na pessoa de um sócio do Country”.

Há poucos minutos, em meu quarto, na mais completa escuridão, a carência era tanta que tive de escolher entre morrer e escrever estas coisas. Qualquer das escolhas teria sido desprezível. Preferi esta (escrever), uma opção igualmente piegas, igualmente pífia e sentimental, menos espalhafatosa, porém. A morte, mesmo em combate, é burlesca.

Uma pergunta, que não tem nada a ver com o corpo desta canção. Quem saberia discriminar o Ódio do Amor? Ninguém. Os psicologistas e analistas têm perdido um tempo enorme.

Ontem à noite, voltando para casa, senti-me espectador de mim mesmo. E confesso que, pela primeira vez, não me achei a menor graça. Saíra, pela primeira vez, de óculos, e o porteiro do edifício me recebeu com esta agradável surpresa:

— Que é que houve? O senhor está mais velho?

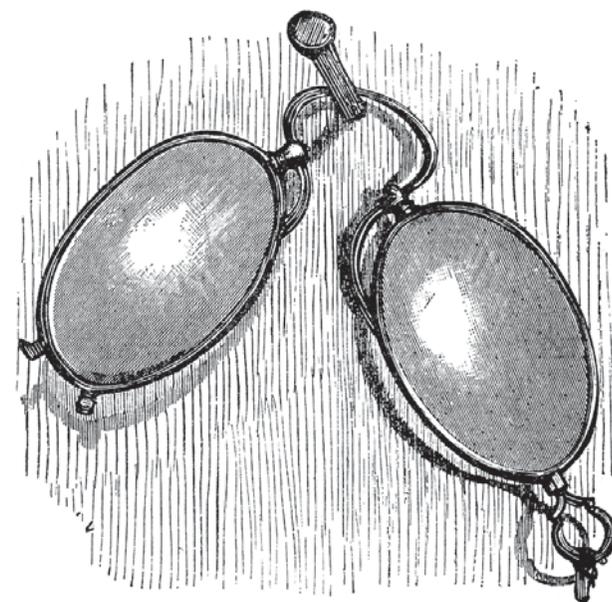
Tirei os óculos e, fitando-o, esperei as desculpas. Mas o homem continuou:

— O que é que houve? De ontem para cá, o senhor envelheceu.

Tinha pensado que, sem os óculos...

Não estou escrevendo para ninguém gostar ou, ao menos, entender. Estou escrevendo, simplesmente, e isto me supre: contrabalança, quando nada. Esta noite, esta chuva – e poderia escrever as coisas mais alegres, esta noite. Neruda, coitado, as mais tristes.

Só há uma vantagem na solidão: poder ir ao banheiro com a porta aberta. Mas isto é muito pouco para quem não tem sequer a coragem de abrir a camisa e mostrar a ferida.



ANTÔNIO MARIA (1921–64), nascido em Recife, foi cronista, radialista e compositor (autor, entre outros clássicos, de *Ninguém me ama* e *Manhã de Carnaval*). Todos os seus livros foram publicados postumamente – entre eles, *Com vocês, Antônio Maria*, do qual faz parte “Canção de homens e mulheres lamentáveis”.

# UM AMOR CONQUISTADO

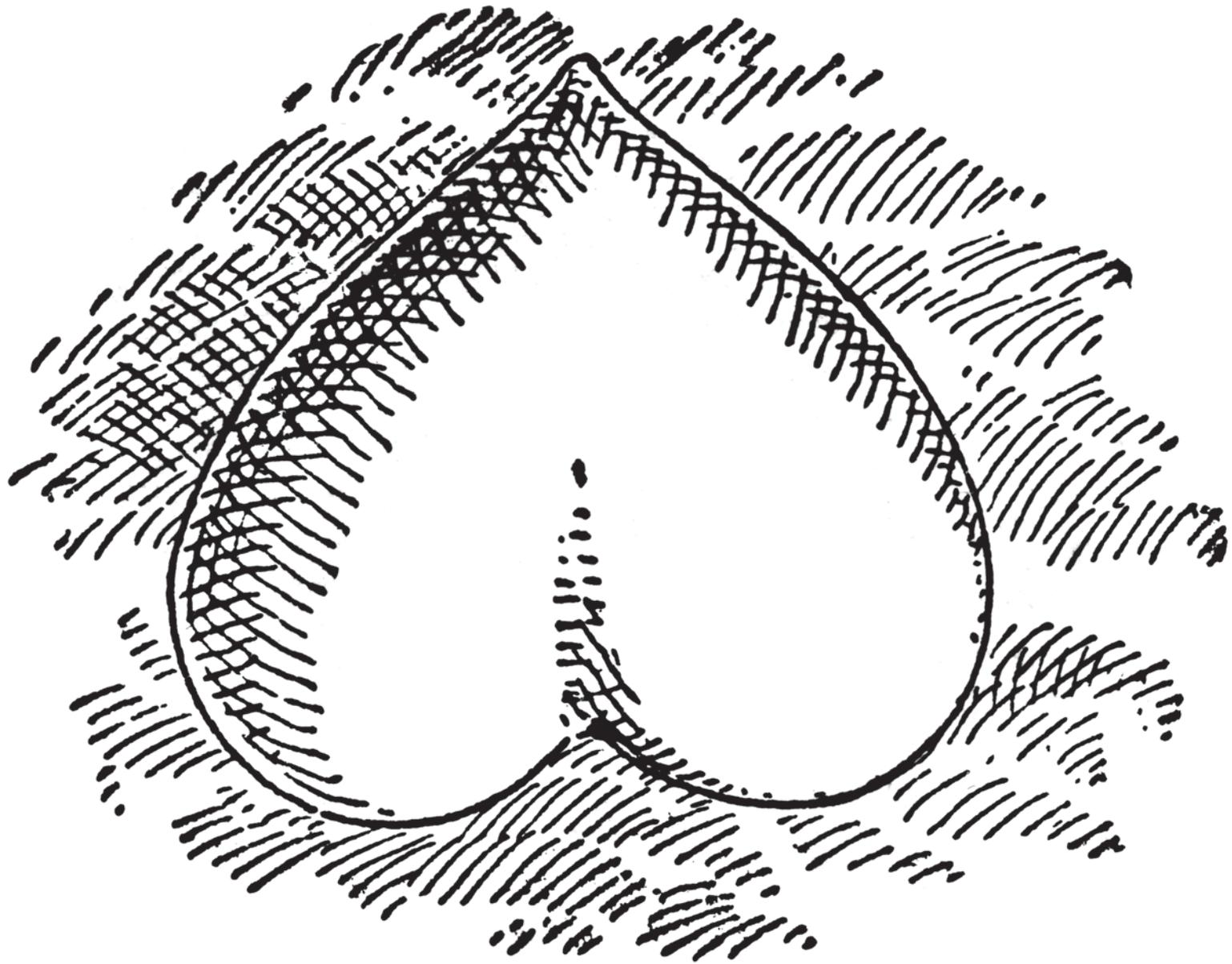
CLARICE LISPECTOR

---

Encontrei Ivan Lessa na fila de lotação do bairro e estávamos conversando quando Ivan se espantou e me disse: olhe que coisa esquisita. Olhei para trás e vi, da esquina para a gente, um homem vindo com o seu tranquilo cachorro puxado pela correia. Só que não era cachorro. A atitude toda era de cachorro, e a do homem era a de um homem com o seu cão. Este é que não era. Tinha focinho acompridado de quem pode beber em copo fundo, rabo longo e duro – poderia, é verdade, ser apenas uma variação individual da raça. Ivan levantou a hipótese de quati, mas achei o bicho muito cachorro demais para ser quati, ou seria o quati mais resignado e enganado que jamais vi. Enquanto isso, o homem calmamente vindo. Calmamente, não; havia uma tensão nele, era uma calma de quem aceitou luta: seu ar era de um natural desafiador. Não se tratava de um pitoresco; era por coragem que andava em público com o seu bicho. Ivan sugeriu a hipótese de outro animal de que na hora não se lembrou o nome. Mas nada me convencia. Só depois entendi que minha atrapalhão não era propriamente minha, vinha de que aquele bicho já não sabia mais quem ele era, e não podia portanto me transmitir uma imagem nítida.

Até que o homem passou perto. Sem um sorriso, costas duras, altivamente se expondo – não, nunca foi fácil passar diante da fila humana. Fingia prescindir de admiração ou piedade; mas cada um de nós reconhece o martírio de quem está protegendo um sonho.

— Que bicho é esse? perguntei-lhe, e intuitivamente meu tom foi suave para não feri-lo com uma curiosidade. Perguntei que bicho era aquele, mas na pergunta o tom talvez incluísse: "por que é que você faz isso?"



que carência é essa que faz você inventar um cachorro? e por que não um cachorro mesmo, então? pois se os cachorros existem! Ou você não teve outro modo de possuir a graça desse bicho senão com uma coleira? mas você esmaga uma rosa se apertá-la com força!" Sei que o tom é uma unidade indivisível por palavras, sei que estou esmagando uma rosa, mas estilhaçar o silêncio em palavras é um dos meus modos desajeitados de amar o silêncio, e é assim que muitas vezes tenho matado o que compreendo. (Se bem que, glória a Deus, sei mais silêncio que palavras.)

O homem, sem parar, respondeu curto, embora sem aspereza. E era quati mesmo. Ficamos olhando. Nem Ivan nem eu sorrimos, ninguém na fila riu – esse era o tom, essa era a intuição. Ficamos olhando.

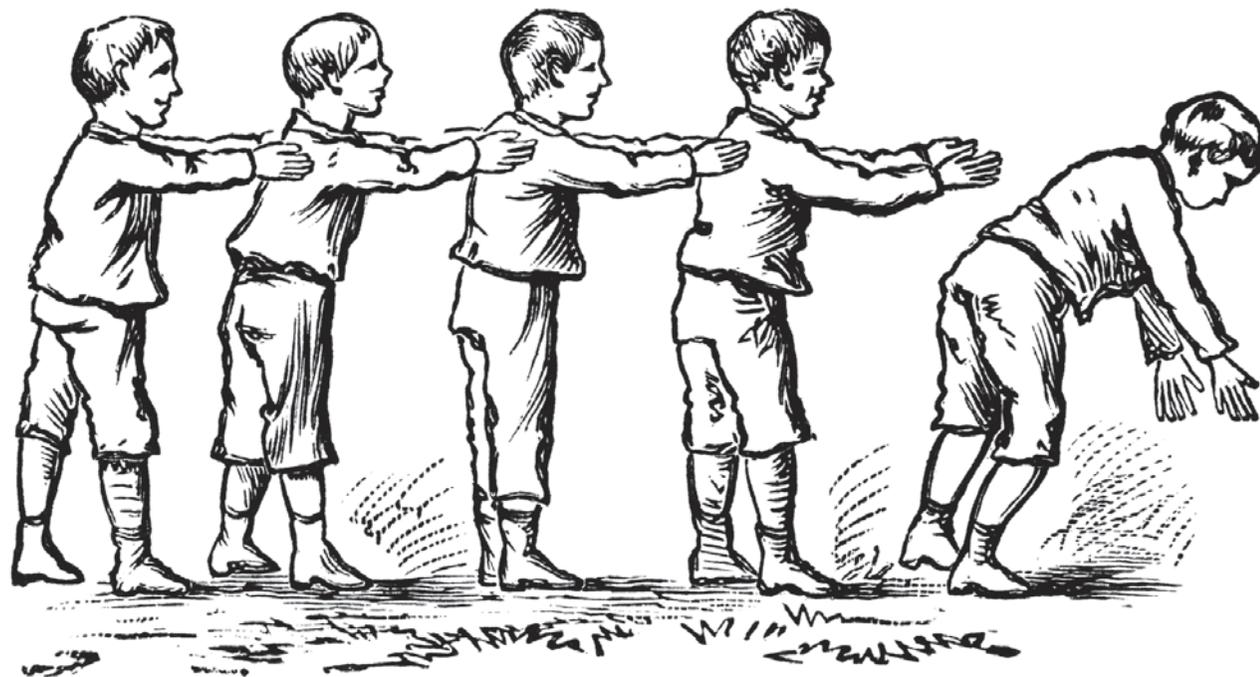
Era um quati que se pensava cachorro. Às vezes, com seus gestos de cachorro, retinha o passo para cheirar coisas, o que retesava a correia e retinha um pouco o dono, na usual sincronização de homem e cachorro. Fiquei olhando esse quati que não sabe quem é. Imagino: se o homem o leva para brincar na praça, tem uma hora que o quati se constrange todo: "mas, santo Deus, por que é que os cachorros me olham tanto?" Imagino também que, depois de um perfeito dia de cachorro, o quati se diga melancólico, olhando as estrelas: "que tenho afinal? que me falta? sou tão feliz como qualquer cachorro, por que então este vazio, esta nostalgia? que ânsia é esta, como se eu só amasse o que não conheço?" E o homem, o único a poder entregá-lo da pergunta, esse homem nunca lhe dirá para não perdê-lo para sempre.

Penso também na iminência de ódio que há no quati. Ele sente amor e gratidão pelo homem. Mas por dentro não há como a verdade deixar de existir: e o quati só não percebe que o odeia porque está vitalmente confuso.

Mas se ao quati fosse de súbito revelado o mistério de sua verdadeira natureza? Tremo ao pensar no fatal acaso que fizesse esse quati inesperadamente defrontar-se com outro quati, e nele reconhecer-se, ao pensar nesse instante em que ele ia sentir o mais feliz pudor que nos é dado: eu... nós... Bem sei, ele teria direito, quando soubesse, de massacrar o homem com o ódio pelo que de pior um ser pode fazer a outro ser – adulterar-lhe a essência a fim de usá-lo. Eu sou pelo bicho, tomo o partido das vítimas do amor ruim. Mas imploro ao quati que perdoe ao homem, e que o perdoe com muito amor. Antes de abandoná-lo, é claro.

CLARICE LISPECTOR (1920-77)

nasceu na Ucrânia e veio para o Brasil com dois meses de idade. Além de romancista e contista com reconhecimento mundial, foi cronista. "Um amor conquistado" faz parte de *A legião estrangeira*.



## O DIA EM

Na nossa turma em Aracaju – uns quinze moleques de nove a dez anos de idade, no tempo em que menino era muito mais besta do que hoje –, quem sabia de tudo era Neném, cujo verdadeiro nome até hoje desconheço. Neném era chamado a esclarecer todas as dúvidas, inclusive em relação a mulheres, assunto, proibidíssimo, que suscitava grandes controvérsias. Ninguém sabia nada a respeito de mulheres e muitos nem sabiam direito o que era uma mulher. As mulheres usavam saias, falavam fino, tinham direito a chorar e os homens mudavam de assunto ou tom de voz quando uma delas se aproximava – e pouco do que isso constava do nosso cabedal de informações, razão por que Neném assumiu grande importância no grupo.

Neném sabia tudo de mulher, contou cada coisa de arrepiar os cabelos. Houve quem não acreditasse naquela sem-vergonhice toda: como é que era mesmo, seria possível uma desgraça dessas? Quer dizer que aquela conversa de que achou a gente dentro da melancia, não sei o quê, aquela conversa... Pois isso é muito mais! – garantia Neném, e aí tome novidade arrepiante em cima de novidade arrepiante. Um menino da turma, o Jackson (em Sergipe há muitos Jacksons, por causa de Jackson de Figueiredo, é a mesma coisa que Ruy na Bahia), ficou tão abalado com as revelações que foi ser padre.

Mas, antes de Jackson se assustar mais e entrar para o seminário, chegou o primeiro

Natal em que o prestígio de Neném já estava amplamente consolidado e a questão das mulheres – tão criadora de tensões, incertezas e pecados por pensamentos, palavras e obras – foi substituída por debates em relação a Papai Noel. A ala mais sofisticada lançava amplas dúvidas quanto à existência de Papai Noel e o ceticismo já se alastrava galopantemente, quando Neném, que tinha andado gripado e ficara uns dias preso em casa para ser suplicado com chás inacreditáveis, como faziam com todos nós, apareceu e, para surpresa geral, manifestou-se pela existência de Papai Noel. Ele mesmo já estivera pessoalmente com Papai Noel. Não falara nada porque, se alguém fala assim com Papai Noel na hora do presente, ele toma um susto e não bota o presente no sapato. Apenas abriu um olho cautelosamente, vira Papai Noel, com um sacão maior que um estudebêiquer, tirando os presentes lá de dentro, foi até no ano em que ele ganhara a bicicleta, lembrava-se como se fosse hoje. Então Papai Noel existia, era fato provado.

Alguns se convenceram imediatamente, mas outros resistiram. Aquele negócio de Papai Noel era tão lorota quanto a história da melancia. Neném se aborreceu, não gostava de ter sua autoridade de fonte fidedigna contestada, propôs um desafio. Quem era macho de esperar Papai Noel na véspera de Natal? Tinha que ser macho, porque era de noite, era escuro

e era mais de meia-noite, Papai Noel só chega altas horas. Alguém era macho ali?

Ponderou-se que macho ali havia, machidão é o que não falta em Sergipe, não se fizesse ele de besta de achar que alguém ali não era macho do dedão do pé à raiz do cabelo. Mas era uma questão delicada, como era que se ia fazer para enganar os pais e conseguir escapulir de casa à noite? E quem tivesse sono? Havia alguns que tomavam um copo de leite às oito horas e caíam no sono quinze minutos depois, era natureza mesmo, que é que se ia fazer? Era muito fácil falar, mas resolver mesmo era difícil.

Neném não quis saber. Disse que macho que é macho vai lá e enfrenta esses problemas todos, senão não é macho. Macho era ele, que só não ia sozinho para o quintal de Zinho apreciar a chegada de Papai Noel porque, sem companhia, não ia ter graça e infelizmente não havia ali um só macho que ir com ele. Por que ninguém aproveitava que a Feirinha de Natal funciona até tarde e os meninos têm mais liberdade de circular à noite?

Claro, a Feirinha de Natal! Todo Natal havia a Feirinha, montada numa praça, com rodagigante, carrossel, barracas de jogos e tudo de bom que a gente podia imaginar, iluminada por gambiarras coloridas e enfeitada por todos os cantos. Sim, não era impossível que um bom macho conseguisse aproveitar a oportunidade gerada pela Feirinha e escapulir para ver Papai

JOÃO UBALDO RIBEIRO

# QUE NÓS PEGAMOS PAPAI NOEL

Noel no quintal de Zizinho. Só que não podia ser mais perto, por que tinha de ser no quintal de Zizinho? Elementar, na explicação meio entediada de Neném: Zizinho tinha mais de dez irmãos, era a primeira casa em que Papai Noel passaria, para descarregar logo metade do saco e se aliviar do peso. Além disso, o quintal era grande, cheio de árvores, dava perfeitamente para todo mundo se esconder, cada qual num canto para manter sob vigilância todas as entradas do casarão, menos a frente, é claro, porque Papai Noel nunca entra pela frente, qualquer um sabe disso.

Eu fui um dos machos, naturalmente. E, já pelas dez horas, o burburinho da Feirinha chegando de longe com a aragem de uma noite quieta, estávamos nos dispendo estrategicamente pelo quintal, sob as instruções de Neném. Alguns ficaram com medo de cobra (macho por ter medo de cobra, não é contra as normas), outros se queixaram do frio, outros de sono, mas acabamos assentados em nossas posições.

Acredito que cochilei, porque não me lembro do começo do rebuliço. Alguém tinha visto um vulto esgueirar-se pela janela do quarto da empregada, que ficava separado da casa, do outro lado do quintal. Era Papai Noel indo dar o presente de Laleca, a empregada, uma cabocla muito bonita e, segundo Neném, “da pontinha da orelha esquerda”. No duro que era Papai Noel, já havia até descrições do chapéu,

da barba, do riso, tudo mesmo. Como os soldados dos filmes de guerra que passavam no cinema do pai de Neném, fomos quase rastejando para debaixo da janela de Laleca. Estava fechada agora, Papai Noel certamente não queria testemunhas.

Mas como demorava esse Papai Noel! Claro que, nessas horas, o tempo não anda, escorre como uma lesma. Mas, mesmo assim, a demora estava demais.

Estou ouvindo uns barulhinhos – cochichou Neném.

Eu também.

Eu também. E foi risada, ainda agora, foi risada?

Psiu!

Silêncio entre nós, novos barulhinhos lá dentro.

Quem é macho aí de perguntar se é Papai Noel que está aí? – perguntou Neném.

Eu fui macho outra vez. Estava louco para apurar aquela história toda, queria saber se Papai Noel tinha trazido o que eu pedira e aí gritei junto às persianas:

É Papai Noel que está aí?

Barulhos frenéticos lá dentro, vozes, confusão.

É Papai Noel?

A barulheira aumentou e, antes que eu pudesse repetir a pergunta outra vez, a janela se abriu com estrépito e de dentro pulou um

homem esbaforido, segurando uma camisa branca na mão direita, que imediatamente desabalou num carreirão e sumiu no escuro. Lá dentro, ajeitando o cabelo, Laleca fez uma cara sem graça e perguntou o que a gente estava fazendo ali.

Era Papai Noel que estava com você?

Era, era – respondeu ela.

Mas ninguém ficou muito convencido, até porque o homem que pulara tão depressa janela afora lembrava muito o pai de Zizinho, que por sinal, no dia seguinte, deu cinco mil réis a ele, para que ficasse caladinho sobre o episódio e explicou ainda que Papai Noel não existia, Papai Noel eram os pais, como ele, pai de Zizinho, que todo Natal ia de quarto em quarto distribuindo presentes. De maneira que até hoje a coisa não está bem esclarecida e nós ficamos sem saber se bem era uma história de Papai Noel ou se bem era uma história de mulher daquelas de arrepiar os cabelos.

JOÃO UBALDO RIBEIRO (1941),

baiano de Itaparica, autor de romances como *Viva o povo brasileiro* e *Sargento Getúlio*, colabora como cronista em diversos jornais, entre os quais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. “O dia em que nós pegamos Papai Noel” está em *Sempre aos domingos*.



## LUÍS HENRIQUE PELLANDA

Há um homem assassinado debaixo da minha janela. Sei que existem aqueles, mais sortudos, cujas janelas se abrem para o mar, a praça, o campo, ou mesmo uma infinidade de outras janelas, sendo que de cada uma lhes acenam uma mulher nua e um par de cortinas descerradas. Eu próprio já tive, não faz muito tempo, e bem debaixo da minha janela, o mar, o campo, a praça, e, nos meus melhores dias, uma paisagem só de mulheres nuas emolduradas e o aceno sem peso das cortinas. Também sei de outros, menos sortudos, que só veem o mundo através da janela alheia, não lhes importando se o que veem é bom ou ruim, já que tudo o mais lhes é igualmente alheio, a janela, as mulheres nuas e até a pouca sorte que lhes coube. Mas agora, frente à rudeza dos fatos, a única coisa que posso dizer é que há um homem assassinado debaixo da minha janela.

Hoje meu despertador foi uma bateria de cinco tiros, um cantar histérico de galos de

briga lá na rua e, por conta disso, há um homem assassinado debaixo da minha janela. São sete da manhã – minha filha bebe seu leite, mastiga um pedaço de pão, pleiteia um punhado de passas, recusa a colherada de vitaminas. Enquanto isso, debaixo da minha janela, as viaturas tomam conta da quadra, e o carro do IML nos exhibe uma frieza feita só de gavetas estreitas, escancaradas.

Também há uma multidão debaixo da minha janela, apesar da hora imprópria e da baixa temperatura. É cedo, faz frio, e o povo é uma ciranda de calor a cercar o morto. Por onde andava toda essa gente, às sete da manhã de ontem, quando nenhum cadáver havia para se ver sobre o asfalto, de bruços, a cabeça florescida, a calça arriada até os joelhos, a cueca escandalosamente metida entre as nádegas azuis?

A polícia faz o seu serviço, procura pistas, procura testemunhas, procura culpados. Procura a verdade que melhor se adaptar à

situação. Interroga este ou aquele transeunte. Um ou outro, de passagem, a caminho do trabalho, da padaria, do escritório ou da obra teve a ambígua felicidade de ver o que aconteceu. Felizardos. Imagino os relatórios orgulhosos, um furioso reiterar de indignações, de queixas comuns, falsos lamentos e espantos: o álcool, as drogas, a falta de religião, o descaso das autoridades, a falência dos valores familiares; a emboscada, a vingança, a tentativa de fuga, as pernas que se embaralharam, o tombo patético da vítima, seus apelos desesperados. De nada serviram. O demônio é madrugador, a bebida fez a sua parte, as drogas venceram, o fim do mundo é iminente, os maia já o previam. Pelo visto, a família, o Estado e até Deus falharam, e por isso, principalmente por isso, há um homem assassinado debaixo da minha janela.

O IML já carregou o corpo e logo irá embora, em silêncio, como se prescindisse de motor, de eixos e de rodas. Já vai voando, vencendo a curva



# Cinco tiros

da Rua XV. O carro branco some, levando o defunto a um último passeio ao largo das floreiras da Boca Maldita. Ele já não pode aproveitá-lo. Os policiais, também quietos, entram agora em suas viaturas, aos pares e muito sérios, conforme lhes ensinaram os melhores filmes do gênero; já anotaram nomes e números o suficiente, já esgotaram todas as possibilidades de pergunta e investigação, não têm muito mais o que fazer, possuem as suas limitações, são homens como qualquer outro. Mas o sangue do morto permanece ali, no mesmo lugar, emposado entre as Lojas Americanas e a Biblioteca Pública, e seus miolos não foram reunidos com o devido cuidado, e o povo, curioso e incansável, continua a rodear o sangue e os restos mortais daquele desconhecido invisível.

Por isso, ainda há um homem assassinado debaixo da minha janela. E ele estará ali durante toda a tarde nublada, e vários outros homens, ignorantes daquela morte e até da sua

própria, futura e insondável, e da morte de todos aqueles que amam, estacionarão seus veículos sobre ele, o morto da vez, e tomarão uma cerveja a três passos dele, sob o guarda-sol vermelho-devassa do café da esquina, ou apontarão para ele com nojo ou com ódio, e discutirão os motivos que o levaram àquele fim ignóbil, e sobre ele escreverão crônicas oportunistas, envergonhadas, espúrias e, no fundo, inócuas, pois não conheço palavra que fira mais do que cinco tiros na cara.

LUÍS HENRIQUE PELLANDA (1973), paranaense de Curitiba, é escritor, jornalista e músico. Depois de *O macaco ornamental*, de contos, publicou *Nós passaremos em branco*, volume de crônicas de que faz parte "Cinco tiros".

---

# TURNO



# UM TREM

Um trem noturno é uma máquina de abandono. Pelas janelas, as paisagens transformam-se em alta velocidade: montanhas e pequenas cidades ficam para trás como peças de roupa jogadas no chão. A cada zunir de postes, a cada dormente dos trilhos, o passado dos viajantes de se desprende um pouco mais dos seus corpos – como casca de ferida.

“Ficar sozinha com ele num quarto já me parece algo errado”, é o que pensa a mulher de meia-idade que viaja à minha frente. Vinda de uma cidade onde as moças jamais mostram os joelhos (a única nudez que se vê nas ruas é a da copa das árvores), ela ganha uma reprimenda silenciosa do senhor de terno e abotoaduras por estar usando uma saia mais curta do que deveria. O homem estica o pano sobre a perna da mulher com a mão esquerda. Enquanto me olha de esguelha, finca o cotovelo no apoio de braço, tenta demarcar espaço.

Sobre as coxas da mulher de meia-idade, agora cobertas, um menino descansa a cabeça. Ao contrário de nós, ele tem pouco a deixar para trás. E dorme e sonha como tal.

No trem noturno, tudo me parece um preságio: as abotoaduras, o homem, o filho, a saia da mulher. Saio da cabine para pegar ar, o que é uma figura de linguagem já que não se pode abrir as janelas. Equilibro-me pelos corredores da composição e avanço em passos sinuosos até o vagão-restaurant. Cada porta entreaberta lembra a entrada de um cinema. Há inclusive um bilheteiro fura-tíquetes, que aqui é fiscal do trem.

Começa a relampejar. Pelas janelas, a noite é escura e esconde a chuva. A luz dos relâmpagos congela por um instante a paisagem e depois devolve escuridão às planícies. Os raios vêm em ondas, surgem juntos para depois se

---

JOÃO PAULO CUENCA

---

esparramarem no céu como artérias, alvéolos ou, ainda, como as copas das árvores nuas de Lisboa, onde as mulheres jamais mostram os joelhos.

A porta que conecta os vagões, no fim do corredor, é subitamente aberta por uma adolescente com jeito de aeromoça austríaca, com os cabelos e olhos muito claros. Imagino que tenha uns dezessete anos. Esconde o corpo esquelético sob um sobretudo de veludo vermelho e leva à boca um cigarro fino com ares de quem se esconde. As unhas estão roídas e descascadas, o rosto é borrado de maquiagem. Para ao meu lado e olha a janela, encara as fronteiras que ficam por trás do escuro. E me pergunta em inglês, como se despertasse de um sonho: “Não é estranho?”.

“O quê?”– Devolvo sua pergunta com outra. Ela demora a responder:

“Os relâmpagos. Não fazem som. Você percebe? Não se escutam os trovões. Não é certo isso de relâmpagos sem trovões.”

“Deve ser porque há algo errado...”, digo.

Ela nada responde enquanto, sobre o teto metálico do trem em alta velocidade, os relâmpagos se juntam num único feixe no céu, formando um tornado elétrico. A radiação então pinta nossos rostos de prata, e o corredor e as portas fechadas atrás de nós se iluminam por uma luz de refletor. O tempo entre nós se dilata e o vagão deixa de chacoalhar, como se houvesse abandonado a Terra. É quando percebemos que as estrelas ao longe já começaram a cair, inaugurando o dia dentro da noite.

E assim será até que o menino na minha cabine, o menino que dorme sobre as coxas da mulher de meia-idade, agora cobertas pelo senhor de terno e abotoaduras, acorde desse sonho e eu volte ao meu lugar no trem noturno.

---

JOÃO PAULO CUENCA (1978), nascido no Rio de Janeiro, é autor dos romances *Corpo presente* e *O único final feliz para uma história de amor é um acidente* e das crônicas de *A última madrugada* (Leya).

---

# VISTA CANSADA

OTTO LARA RESENDE

---

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez. Pela última ou pela primeira vez? Pela primeira vez foi outro escritor quem disse. Essa ideia de olhar pela última vez tem algo de deprimente. Olhar de despedida, de quem não crê que a vida continua, não admira que o Hemingway tenha acabado como acabou.

Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta\*. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio.

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu

escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.

Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê. Há pai que nunca viu o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher, isso existe às pampas. Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.

---

OTTO LARA RESENDE (1922-92), mineiro de São João del Rei, publicou o romance *O braço direito*, as novelas de *Testemunha silenciosa* e os contos de *Boca do Inferno*, entre outros livros. Cronista da *Folha de S.Paulo* no final da vida, ali escreveu textos selecionados postumamente para o volume *Bom dia para nascer*, de que faz parte "Vista cansada".

---

\*Carlos Drummond de Andrade, no poema "Desfile".

DIGA

**trinta e três**

ANTONIO PRATA

Trinta e três. Quem diria. A adolescência foi na última quinta, ainda há resquícios dela na estante de CDs, no seu vocabulário, num canto do armário – uma camisa xadrez que não vê a luz do sol desde um show do Faith no More, em 1997 –, mas são resquícios. Vez ou outra você está no supermercado, comprando saco de lixo, queijo minas light e amaciante e vê uma turma de garotos e garotas carregando garrafas de Smirnoff Ice e pacotes de Doritos. Você olha para as franjas lambidas dos meninos, para os piercings das meninas e percebe, meio assustado, que aquele é um mundo distante. Sente alguma vergonha do seu carrinho.

Diga trinta e três: trinta e três. Diga: o que você fez? A essa altura da estrada, uma parada é inevitável. Você desce do carro, contempla a vista do mirante. Não é um olhar para trás, como devem fazer os velhos, ao fim da vida – ou devem evitar fazê-lo, dependendo –, mas um olhar em volta: isso aqui sou eu. Daqui pra frente, não vai mudar muito, vai? Já deu tempo de descobrir que você não é um gênio da matemática, nem um fenômeno da ginástica olímpica.

Trinta e três anos. A idade de Cristo, alguém diz, e você logo pensa, repetindo um dos cacoetes de sua faixa etária: o que ele já tinha alcançado, com a minha idade? Bom, tinha transformado água em vinho, multiplicado peixes e pães, andado sobre as águas, levantado defuntos e conquistado uma multidão de fiéis em toda Judeia, Galileia, Samaria, Efraim e arredores. E você, que não tem nem casa própria? Bom, também, naquele tempo era

mais fácil – você tenta se consolar –, não tinha tanta concorrência e, oras, o cara era filho de Deus, o que não só abre portas, abre até o Mar Vermelho! Mas você se compara, mesmo assim: Jesus deve ter andado sobre as águas com o que? Dezesete? Orson Welles fez Cidadão Kane com vinte e cinco. Rimbaud escreveu toda a obra até os dezenove! E você tão feliz por ter conseguido mais quinze seguidores no Twitter.

(O lance do Mar Vermelho... Foi com Jesus ou com Moisés? Céus, trinta e três anos e você não sabe uma coisa dessas? Será que um dia vai saber? Quando tem treze, ou vinte e três, acha que uma hora vai aprender tudo o que não sabe, basta ficar parado que as coisas naturalmente virão e entrarão na sua cabeça. Agora você percebe que talvez passe a vida ignorando certos assuntos. Mar Vermelho. As regras do gamão. Francês.)

Pense: um homem. Pense: uma mulher. Adultos, no sentido mais abstrato, como um casal num livro de inglês ou num vídeo de normas de segurança do Detran. Espécimes maduros do homo sapiens sapiens: eles devem ter a sua idade. Talvez tenham filhos. Você tem filhos, ou ainda não? Repare no “ainda não”, pois de todas as coisas que você não conquistou até agora, há que saber discernir entre as que podem vir acompanhadas por um “ainda não” e aquelas das quais é melhor desistir. Andar sobre as águas, gênio da matemática, fenômeno da ginástica olímpica: não é pra todo mundo. E aos trinta e três anos, meu chapa, é a hora de admitir: você é todo mundo.

Sei que é difícil. Viu filmes da Sessão da Tarde demais, propagandas da Nike demais, foi mimado demais para admitir que Deus não passou mais tempo moldando a sua fôrma do que a do vizinho do 71. É a não compreensão desse banal infortúnio que faz com que haja em tantos rostos de sua idade um brilho opaco, um fungo que brota onde o sol não bate forte o suficiente: o ressentimento.

Acredite em mim: aos trinta e três anos, de Jesus pra baixo, todo mundo é ressentido. Não é que as pessoas levem vidas ruins, as aspirações é que são muito altas. A Sessão da Tarde, as propagandas da Nike... Seu emprego é bom, mas o salário é ruim. O salário é bom, mas o chefe é mala. O chefe é você, mas os prazos não te dão sossego. Sempre tem um cunhado que ganha mais, um vizinho cuja grama é mais verde, o próximo cuja mulher é mais fornida; Jesus, aos trinta e três, o Orson Welles, aos vinte e cinco – e o mau exemplo do Rimbaud eu nem comento.

Trinta e três anos. Você para. Desce do carro. Olha em volta. Você é o que queria ser quando crescesse? Não exatamente? Por que não? Será que dá pra mudar? Quanto dá pra mudar?

É preciso achar lugar no peito para as frustrações. É preciso lidar com o ressentimento e não deixar, em hipótese alguma, que ele se transforme em cinismo – se ressentimento é fungo, cinismo é ferrugem. Agora volte para o carro e siga em frente. Se tudo der certo, você não está nem na metade do caminho.

Diga trinta e três: trinta e três. Quem diria.

ANTONIO PRATA (1977), nascido em São Paulo, é cronista da *Folha de S.Paulo*. Publicou, entre outros livros, *As pernas da tia Corália* e *O inferno atrás da pia*, de contos, e a coletânea de crônicas *Meio intelectual, meio de esquerda*. “Diga trinta e três” é inédita em livro.

# A vida ao rés do chão

ANTONIO CANDIDO

**A** crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhes dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. Por meio de assuntos, da composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

Vamos, então, pensar um pouco na própria crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. Não que estas coisas sejam necessariamente ruins. Há estilos roncantes mas eficientes, e muita grandiloquência consegue não só arrepiar, mas nos deixar honestamente admirados. O problema é que a magnitude do assunto e a pompa da linguagem podem atuar como disfarce da realidade e mesmo da verdade. A literatura corre com frequência este risco, cujo resultado é quebrar no leitor a possibilidade de ver as coisas com retidão e pensar em consequência disto. Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor.

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar nesse veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. Como no preceito evangélico, aquele que quer salvar-se acaba por perder-se; e aquele que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão desprentiosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela

não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios.

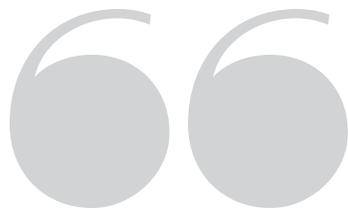
Retificando o que ficou dito atrás, ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há pouco mais de um século e meio. No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da seção “*Ao correr da pena*”, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o “folhetim” foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.

Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. Creio que a fórmula moderna, na qual entra um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu *quantum satis* de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma.

No século passado, em José Alencar, Francisco Otaviano e mesmo Machado de Assis, ainda se notava mais o corte de artigo leve. Em França Júnior já é nítida uma redução de escala nos temas, ligada ao incremento do humor e certo toque de gratuidade. Olavo Bilac, mestre da crônica leve e aliviada de peso, guarda um pouco do comentário antigo, mas amplia a dose poética, enquanto João do Rio se inclina para o humor e o sarcasmo, que contrabalançam um pouco a tara de esnobismo. Eles e muitos outros, maiores e menores, de Carmem Dolores e João Luso até os nossos dias, contribuíram para fazer do gênero este produto *sui generis* do jornalismo literário brasileiro que ele é hoje.

A leitura do Bilac é instrutiva para mostrar como a crônica já estava brasileira, gratuita e meio lírico-humorística, a ponto de obrigá-lo a amainar a linguagem, a descascá-la dos adjetivos mais retumbantes e das construções mais raras, como as que ocorrem na sua poesia e na prosa das suas conferências e discursos, mas que encolhem nas crônicas. É que nelas parece não caber a sintaxe rebuscada, com inversões frequentes, nem o vocabulário “opulento”, como se dizia, para significar que era variado, modulando sinônimos e palavras tão raras quanto bemsoantes. Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade que atingiram o ponto máximo nos nossos dias.

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto



## ORA, A CRÔNICA ESTÁ SEMPRE AJUDANDO A ESTABELEECER OU RESTABELEECER A DIMENSÃO DAS COISAS E DAS PESSOAS.

é humanização da melhor. Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais crônicas, fico pensando nas leituras do meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante.

No meu tempo, entre as leituras preferidas para a sala de aula estavam os discursos: exórdio do sermão de São Pedro de Alcântara, de Monte Alverne; trechos do sermão da Sexagésima, de Vieira; Oração da coroa, de Demóstenes, na tradução de Latino Coelho; Rui Barbosa sobre o jogo, o chicote, a missão dos moços. Um sinal favorável dos tempos é esta passagem do discurso, com a sua inflação verbal, para a crônica e seu tom menor de coisa familiar.

Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 se afirmaram Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga.

Tanto em Drummond quanto nele, observamos um traço que não é raro na configuração da moderna crônica brasileira: a confluência, na maneira de escrever, da tradição, digamos clássica, com a prosa modernista. Esta fórmula foi bem manipulada em Minas (onde Rubem Braga viveu alguns anos decisivos), e dela se beneficiaram os que surgiram nos anos 40 e 50, como Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. É como se (imaginemos) a linguagem seca e límpida de Manuel Bandeira, coloquial e corretíssima, se misturasse ao ritmo falado de Mário de Andrade, com uma pitada do arcaísmo programado pelos mineiros.

Neles todos, e nalguns outros como, por exemplo, Rachel de Queiroz, há um traço comum: deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade no tratamento de problemas. É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social. Veja-se a extraordinária “Carta a uma senhora”, de Carlos Drummond de Andrade, onde a menininha que não possui nem vinte cruzeiros faz desfilar na imaginação os presentes que desejaria oferecer à sua mãe no Dia das Mães. É como se ela estivesse do lado de fora de uma vitrine imensa, onde se acham os objetos maravilhosos que a propaganda criadora de aspirações e necessidades

transformou em bens ideais. Ela os enumera numa escrita que o cronista fez ao mesmo tempo belíssima e liricamente infantil. A impressão do leitor é de divertida simplicidade que se esgota em si mesma; mas por trás está todo o drama da sociedade chamada de consumo, muito mais iníqua num país como o nosso, cheio de pobres e miseráveis que ficam alijados da sua miragem sedutora e inacessível:

**Mammy, o braço dói de escrever e tinha um liquidificador de 3 velocidades, sempre quis que a Sra. não tomasse trabalho de espremer laranja, a máquina de tricô faz 500 pontos, a Sra. sozinha faz muito mais. Um secador de cabelo para Mammy! gritei, com capacete plástico mas passei adiante, a Sra. não é desses luxos, e a poltrona anatômica me tentou, é um estouro, mas eu sabia que minha Mãezinha nunca tem tempo de sentar. Mais o quê? Ah sim. O colar de pérolas acetinadas, caixa de talco de plástico perolado, par de meias, etc.**

Veja-se depois, no limite do patético, firme e discretamente evitado pelo autor, a “Última crônica”, de Fernando Sabino: a família pobre que vai ao botequim celebrar o aniversário da menina, com um pedaço de bolo onde o pai finca e acende três velinhas trazidas no bolso. Não será a mesma criança que escreveu a carta mirífica do Dia das Mães? Diz o cronista:

**Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo do seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.**

É quando vê o casal com a filhinha e assiste ao ritual modesto. Mas as suas reflexões, a maestria com que constrói a cena e todo o ritmo emocionado sob a superfície do humor lírico – constituem ao mesmo tempo

uma pequena e despretensiosa teoria da crônica, deixando ver o que sugeri, isto é, que por baixo dela há sempre muita riqueza para o leitor explorar. Dizendo isto, não quero transformar em tratados essas peças leves. Ao contrário. Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem, mais do que poderia fazer um estudo intencional, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça da crônica. Os professores incutem muitas vezes nos alunos (inclusive sem querer) uma falsa ideia de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.

Há casos de utilização da crônica como militância, isto é, participação decidida na realidade com o intuito de mudá-la, coisa que apenas perpassa em “Luto da família Silva”, de Rubem Braga, cujo assunto é a grande maioria dos homens que sua e pena para fazer funcionar a máquina da sociedade em benefício de uns poucos:

**A gente da nossa família trabalha nas plantações de mate, nos pastos, nas fazendas, nas usinas, nas praias, nas fábricas, nas minas, nos balcões, no mato, nas cozinhas, em todo o lugar onde se trabalha. Nossa família quebra pedra, faz telhas de barro, laça os bois, levanta os prédios, conduz os bondes, enrola o tapete do circo, enche os porões dos navios, conta o dinheiro dos bancos, faz os jornais, serve no Exército e na Marinha. Nossa família é feito Maria Polaca: faz tudo. Apesar disso, João da Silva, nós temos de enterrar você é mesmo na vala comum. Na vala comum da miséria. Na vala comum da glória, João da Silva. Porque nossa família um dia há de subir na política...**

Aliás, este é um bom exemplo de como a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérias são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente e que Fernando Sabino procura captar, como explica na crônica citada mais acima. Tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação, para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio.

Para conseguir este efeito, o cronista usa diversos meios. Há crônicas que são diálogos, como “Gravação”, de Carlos Drummond de Andrade, ou “Conversinha mineira”, e “Albertina”, de Fernando Sabino. Outras parecem marchar rumo ao conto, à narrativa mais espraçada, com certa estrutura de ficção, como “Os Teixeiras”, de Rubem Braga; ou parecem

anedotas desdobradas, como “A mulher do vizinho”, de Fernando Sabino. Nalguns casos o cronista se aproxima da exposição poética ou de certo tipo de biografia lírica, como vemos em Paulo Mendes Campos: “Ser brotinho” e “Maria José”, ambas admiráveis.

“Ser Brotinho” é construída por enumeração, como certos poemas de Vinicius de Moraes. Parece uma divagação livre, uma cadeia de associações totalmente sem necessidade, que deveria resultar em simples acúmulo de palavras. Mas eis que o milagre da inspiração (isto é, o poder misterioso de fazer as palavras funcionarem de maneira diferente em combinações inesperadas) vai organizando um sistema expressivo tão perfeito, que no fim ele aparece como a própria necessidade das coisas:

**Ser brotinho é poder usar óculos como se fosse enfeite, como um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto. É aguardar com paciência e frieza o momento exato de vingar-se da má amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.**

O leitor fica perguntando se ser brotinho não é um pouco ser cronista – dando aos objetos e aos sentimentos um arranjo tão aparentemente desarranjado e na verdade tão expressivo, tirando significados do que parece insignificante. “[...] dar sentido de repente ao vácuo absoluto” é a magia da crônica.

Parece às vezes que escrever crônica obriga a uma certa comunhão, produz um ar de família que aproxima os autores num nível acima da sua singularidade e das suas diferenças. É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua-geral lírica, irônica, casual, ora precisa, ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo.

ANTONIO CANDIDO (1918),

nascido no Rio de Janeiro, é escritor, ensaísta e ex-professor da Universidade de São Paulo. É um dos maiores críticos literários brasileiros, autor de livros como *Formação da Literatura Brasileira*, *Literatura e Sociedade*, *Tese e Antítese*, *Os parceiros do Rio Bonito* e *Recortes*, coletânea de que faz parte o ensaio aqui publicado.

# SUPLEMENTO

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretária de Estado de Cultura**  
**Diretor-presidente da Imprensa Oficial de Minas Gerais**  
**Superintendente do SLMG**  
**Diretor de Articulação e Promoção Literária**  
**Agência**

**Projeto Gráfico e Direção de Arte**

**Conselho Editorial**

**Equipe de Apoio**

**Jornalista Responsável**

**Textos assinados são de  
responsabilidade dos autores**

Antonio Augusto Junho Anastasia

Eliane Parreiras

Eugênio Ferraz

Jaime Prado Gouvêa

João Pombo Barile

Traço Leal

Plínio Fernandes

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos e Mariane Macedo Nunes (estagiária)

Fabricio Marques – JP 04663 MG

Suplemento Literário de Minas Gerais

Av. João Pinheiro, 342 – Anexo

30130-180 – Belo Horizonte, MG

Fone/Fax: 31 3269 1143

suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)



Capa: Plínio Fernandes



*Venha conhecer!  
Como Minas, somos Gerais!*

Imprensa Oficial, há 120 anos publicando a história de Minas

### *Parque Gráfico*

A IOMG possui um moderno e versátil parque gráfico equipado para atender às mais diversas demandas do mercado, desde a confecção de impressos simples, folhetos e revistas, até livros de arte com alto padrão de acabamento.

### *Pré-produção*

Solução completa em pré-impresão: criação, ilustração, editoração, digitalização e tratamento de imagens.

### *Impressão*

Livros, revistas, jornais e peças promocionais são produzidos em modernas impressoras digitais (xeroxigen3) ou por meio de offset.

### *Acabamento*

Opções em capa dura ou flexível, brochura, fresa, costura, encadernação, laminação fosca ou brilhante.

### *Tecnologia*

Sala-cofre com altíssimo nível de segurança e proteção contra fraudes físicas e eletrônicas: ambiente seguro para armazenamento de dados digitais.



### Contatos:

(31) 3237-3475

(31) 3237-3573

(31) 3237-3435

Av. Augusto de Lima, 270 - Centro  
Belo Horizonte - MG - 30190-001

e-mail: [orcamento@iof.mg.gov.br](mailto:orcamento@iof.mg.gov.br)

[www.iof.mg.gov.br](http://www.iof.mg.gov.br)



Fernando Sabino

Antônio Maria

Clarice Lispector

João Ubaldo Ribeiro

Luís Henriques

João Paulo Cuenca

Otto Lara Resende

Antônio Prata